

# NOTICIÁRIO INTERNACIONAL NO JORNAL

*O GLOBO*

por

Gustavo Rocha Gomes

(Aluno do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora na disciplina  
Projetos Experimentais.

Orientador Acadêmico: Prof.  
Gabriel Collares

GOMES, Gustavo Rocha. *Noticiário Internacional no Jornal O Globo*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1. sem. 2002. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

---

Professor Vitor Iório - Relator

---

Professora Cláudia Lahni

---

Professor Gabriel Collares -  
Orientador Acadêmico

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em:

A meus pais, pelo apoio  
e a confiança.

A toda minha família,  
pela paciência durante  
todos estes anos.

Pesquisa sobre o noticiário internacional  
do jornal *O Globo*. Estatística sobre a  
distribuição geográfica e temática.  
Estudo das fontes e dos critérios de  
seleção e redação das notícias.

## S U M Á R I O

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. *O GLOBO*

### 3. SISTEMA INTERNACIONAL DE DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES

### 4. PESQUISA SOBRE O NOTICIÁRIO INTERNACIONAL DO JORNAL O *GLOBO*

#### 4.1. *Considerações Gerais*

#### 4.2. *Distribuição Nacional e Regional*

#### 4.3. *Distribuição Temática*

### 5. ANÁLISES E ESTUDOS DE CASOS

#### 5.1. *Geocentrismo*

#### 5.2. *Etnocentrismo*

#### 5.3. *Solidariedade Unilateral*

#### 5.4. *Noticiário Estigmatizado*

#### 5.5. *Posicionamento Político-ideológico*

#### 5.6. *A Busca do Sensacional*

#### 5.7. *Celebridades Políticas*

#### 5.8. *Um Caso Especial*

### 6. ENTREVISTA

### 7. CONCLUSÃO

### 8. ANEXOS

### 9. BIBLIOGRAFIA

## 1. INTRODUÇÃO

Tratar do noticiário internacional significa tratar de 'representações de mundo'. Assim como um livro de geografia nos apresenta, baseado em estudos históricos e geográficos apurados, uma 'representação de mundo' concisa e estática, que se renova ano após ano, o noticiário internacional de um veículo de comunicação nos apresenta sua 'representação', esta porém, fragmentada, quase caótica, baseada no grande fluxo de informações que chegam à redação a todo instante, e que se renova dia após dia. Uma 'representação' consiste, literalmente, numa 're-apresentação' da realidade. A forma como os meios de comunicação 're-apresentam' a realidade a seu público, não reflete, necessariamente, a realidade em si. Sobre este assunto, José Arbex Jr. afirma que

"fatos" e "notícias" não existem por si só, como entidades "naturais". Ao contrário, são assim designados por alguém (por exemplo, por um editor), por motivos (culturais, sociais, econômicos, políticos) que nem sempre são óbvios. Mas esta operação fica oculta sob o manto mistificador da suposta "objetividade jornalística". (...) (ARBEX, J. 2002: p.103)

Fatos existem, mas só podemos nos referir a eles como construções da linguagem. (...) (Ibidem, p.107)

A mídia, mesmo quando relata acontecimentos reais, cria meras fabulações simplificadas, com o objetivo de oferecer aos leitores\telespectadores alguma sensação de ordem em relação a um mundo, de fato, complexo em demasia (Ibid., p.212.).

Todas as 'representações de mundo' com as quais temos contato, seja na mídia, na escola, nas artes, na literatura, somam-se às demais informações que obtemos através da nossa

interação com o ambiente físico e social que nos rodeia, para formar o que podemos chamar de nossa 'imagem de mundo'.

Uma das características do homem consiste em sua capacidade de se perceber como membro de um "mundo" dado; por exemplo, de um conjunto de condições naturais ou sócio-culturais de existência cujos limites ele é - até certo ponto - capaz de avaliar, definir subjetivamente, além de com elas se identificar. "É uma espécie de taquigrafia social, e todos nós somos hábeis nessa técnica de registrar nossas percepções", observa Kato, acrescentando: "Percebemos o mundo à nossa volta e por meio destas técnicas taquigráficas, estabelecemos em nossas mentes um mundo "instantâneo" de imagens fragmentadas e esteriótipos (BELTRÁN, L. 1982: p.74-5).

Mas não se trata somente de formações mentais de mundos individuais imaginários que existem paralelamente à realidade física. São, ao contrário, as referências nas quais os indivíduos se baseiam para tomar cada uma de suas decisões cotidianas. Nas palavras de Ibhiel Pool,

As imagens que as pessoas têm do mundo à sua volta constituem as realidades em função das quais elas atuam. Tais imagens têm um significado de duração muito maior que o sugerido pelo conceito tradicional de 'imagem', com suas etéreas conotações (BELTRÁN, L. 1982: p.74-5).

Portanto, construir uma 'representação de mundo' - e no caso do noticiário internacional, a palavra 'mundo' se refere à própria sociedade humana planetária - significa influenciar na construção das 'imagens de mundo' sustentadas pelos indivíduos que com ela interagirão, o que condicionará, conseqüentemente, sua maneira de participar da realidade concreta.

No caso de um jornal com a envergadura de *O Globo*, lido diariamente por centenas de milhares de pessoas e fonte de

informações para um grande número jornais menores, a esfera de influência de suas 'representações de mundo' tomam dimensões tais que merecem ser estudadas, assim como também mereceriam as 'representações de mundo' difundidas por toda a imprensa brasileira, de uma forma geral. Isso daria-nos a chance de poder constatar o que está sendo transmitido ao público brasileiro, no que concerne à imagem que criamos a respeito de outros países, povos e culturas, das relações internacionais e de nós mesmos, enquanto país, povo e ente cultural. Mas, *O Globo* tem uma particularidade que reside no fato de se tratar do veículo mais tradicional, do maior e mais influente grupo de comunicação do país.

A 'imagem de mundo' contida em um livro de geografia é evidente, exatamente pelo fato de o livro se apresentar como uma 'representação do mundo', propriamente dita. Diferentemente, num noticiário internacional de um veículo de comunicação, a forma fragmentada, temporal e espacialmente, na qual se apresenta, ofusca a própria visualização de sua natureza de 'representação'. O objetivo deste trabalho consiste, portanto, em organizar este produto fragmentado(o noticiário internacional do jornal) em uma forma concisa, como que o transformando em uma espécie de "livro de geografia", para assim possibilitar a visualização da forma como 'representa', diariamente, o mundo a seus leitores. Em



outras palavras, qual 'imagem de mundo' o veículo transmite a seu público.

Para tanto, optamos por utilizar três métodos de análise. O primeiro consiste no levantamento estatístico das páginas do jornal, o que nos dará a oportunidade de identificar quantitativamente suas tendências no que diz respeito à distribuição geográfica e temática do noticiário. O segundo, baseia-se na realização de 'estudos de casos', que terão por função complementar o estudo estatístico, não dizendo quanto, mas sim, como o jornal trata de determinados temas, países e situações. O terceiro caminho que percorreremos consistirá na realização de uma entrevista com um dos editores da seção, que terá como intuito prestar esclarecimentos sobre as condições de trabalho, as posições dos jornalistas e os critérios de seleção e tratamento empregados na confecção de seu noticiário internacional.

## 2. O GLOBO

O jornal *O Globo* tem uma longa e vitoriosa história traçada ao longo dos últimos 76 anos, a partir da cidade do Rio de Janeiro. Desde quando foi fundado, em 1926, pelo empresário Irineu Marinho, *O Globo* enfrentou a concorrência de dezenas de outros diários, dos quais a maioria, por motivos vários, já não existe mais. Ao longo deste período, conseguiu adaptar-se às mais diferentes circunstâncias políticas, econômicas e tecnológicas pelas quais o Brasil e o mundo atravessaram. Para a maioria dos que o conhecem a fundo, *O Globo* é, assim como todos os outros empreendimentos da família *Marinho*, sinônimo da mais alta competência técnica e administrativa.

Vinte e três dias após fundar o jornal, Irineu Marinho faleceu, deixando-o nas mãos de seu filho mais velho, Roberto Marinho (então com 20 anos de idade), seu proprietário até os dias atuais. Foi sob seu comando que o veículo cresceu e amadureceu, até tornar-se o segundo diário mais vendido do país. Na verdade, a figura de Roberto Marinho parece ter imprimido no jornal seus traços pessoais, o que o faz algo como a imagem e semelhança de seu dono. Como afirma Mário S. Conti, "para Roberto Marinho, *O Globo* e a *Rede Globo* não eram extensões de sua vida: eram sua própria vida" (CONTI, M. 1999:

p.498). O próprio empresário define sua participação no comando de suas empresas de comunicação da seguinte forma:

Nós fornecemos todas as informações necessárias, mas nossas opiniões são, de uma maneira ou de outra, dependentes do meu caráter, das minhas convicções e do meu patriotismo. Eu assumo a responsabilidade sobre todas as coisas que conduzo (HERZ, D.: p.26).

Sendo assim, torna-se importante conhecer esta figura, assim como a de seus sucessores, João Roberto e Rogério Marinho, para entendermos a postura ideológica e a conduta do jornal, já que, novamente citando Mário S. Conti, *O Globo* viria a se tornar "um jornal que desse todas as notícias e uma só opinião, a de seu dono" (CONTI, M. 1999: p.161).

Na verdade, Roberto Marinho, assim como seu pai, seus irmãos e seus filhos, parece se caracterizar mais como empresário, como homem de negócios, do que propriamente como jornalista ou produtor cultural. Sua esfera de negócios vai desde a propriedade de emissoras de rádio e televisão, jornais, editoras de revistas e livros, produtoras e distribuidoras de programas para TV e filmes, gravadoras e empresas de publicidade, até indústrias de bicicletas, de equipamentos eletrônicos, negócios imobiliários, agricultura, pecuária, mineração, distribuidora de títulos e valores, entre outros (Cf. HERZ, D.: p.21). A princípio, suas empresas de comunicação trabalham com o mesmo objetivo das demais: o lucro. Apesar disso, sempre demonstrou um apreço especial

por elas, ciente de seus poderes especiais, seja na formação da opinião pública, seja na influência política que conferem a quem as controla.

Os *Marinho* certamente não poderiam ser descritos como idealistas ou revolucionários. Sua conduta está mais próxima do pragmatismo e da moderação. Talvez por isso, *O Globo* seja normalmente tachado de conservador ou reacionário, principalmente desde 1964, ano em que ocorreu o golpe militar no Brasil. Durante o regime, as empresas do grupo *Globo* parecem ter recebido um impulso extraordinário de crescimento, tornando-se então o maior grupo de comunicação do país e do hemisfério sul.

Isto se deveu em parte, à convergência dos interesses das *Organizações Globo* com os dos militares e dos setores dominantes (nacionais e internacionais) do regime, que trataram as iniciativas dos *Marinho* com certa condescendência, ou até mesmo as apoiaram. Em parte, se deveu também à ascensão da *Rede Globo de Televisão*, impulsionada pelo acordo inconstitucional de sociedade firmado com o grupo americano *Time-Life* (Cf. HERZ, D.). Acordo este, que possibilitou um fluxo de milhões de dólares para a emissora, que pôde adquirir equipamentos tão mais avançados que os de suas concorrentes, que praticamente impossibilitou uma concorrência equilibrada. O canal de TV, por sua vez, serviu

de trampolim para os demais veículos do grupo, a tal ponto que a *Rede Globo* chegou a colocar no ar, durante anos, anúncios da edição dominical de *O Globo*, “uma campanha cujo custo real o *Jornal do Brasil* nem sequer podia sonhar despende em publicidade”(Conti, M. 1999:161).

Mas, o principal segredo da sobrevivência e da contínua expansão do patrimônio e do poder do grupo *Globo* talvez seja: ter estado sempre do “lado certo”. E os *Marinho's* estiveram sempre do “lado certo”, ou seja, do lado historicamente vencedor. São, poderíamos dizer, capitalistas, no sentido de terem como fim primordial de suas atividades o acúmulo de capital. Abraçaram oportunamente diferentes aliados, seguindo as tendências da evolução do capitalismo mundial, que neste último século defrontou-se com adversários diversos como o fascismo, o comunismo, o fundamentalismo, o socialismo, entre outros. Assim, com a mesma naturalidade que um dia apoiaram regimes autoritários, hoje defendem incondicionalmente a democracia e a liberdade de expressão, e não há nisso nenhuma contradição.

As posições e a forma de organização das empresas do grupo adaptaram-se ao modelo pregado pela vanguarda do movimento de expansão e ‘aprofundamento’, como usam alguns autores, do capitalismo mundial. Vanguarda esta, que se manifesta no cenário internacional pela expansão da economia

e, conseqüentemente, das formas de organização política e empresarial do modelo norte-americano. As *Organizações Globo*, assim como diversos grupos empresariais de todas partes do mundo, aproximaram-se progressivamente deste modelo no decorrer do último século.

E esta aproximação se deu de uma forma tão intensa e explícita que em uma de suas edições a *Worldmark Encyclopaedia of the Nations*, editada pela *Worldmark Press*, classificou *O Globo* como "órgão conservador subsidiado pelos Estados Unidos" (HERS, D.: p.155). Isto talvez se deva a fatos como a associação da empresa com o grupo *Time-Life*, ou ao suposto vínculo entre as *Organizações Globo* e a multinacional do petróleo *Esso*, que teria provocado a súbita mudança do "Repórter Esso" da *Rádio Nacional* para a *Rádio Globo* (Cf. HERS, D.: p.155).

Interessam-nos estes assuntos, na medida em que torna-se necessário verificar até que ponto essa afinidade, esta proximidade com os arquétipos estruturais (políticos, ideológicos, econômicos, empresariais, culturais, jornalísticos...) de determinado país, no caso os Estados Unidos, pode vir a influenciar na construção do noticiário internacional do jornal. Não necessariamente de forma proposital, mas mais devido a uma incorporação inercial dos produtos culturais e jornalísticos daquele país, por já virem

estes formatados, "embalados", de maneira a adaptar-se à lógica comercial do jornalismo praticado pelo *O Globo*.

O fato de ser *O Globo* um produto destinado ao comércio, que encontra sua razão existencial em seu sucesso mercadológico, será decisivo na determinação do tipo de jornalismo por ele praticado. A necessidade de atender determinadas expectativas do público consumidor, trará certos condicionamentos à redação do jornal que determinarão quais notícias serão publicadas e qual o tratamento que receberão. Objetivamente, seu jornalismo tenderá mais para o campo do imediato, do espetacular, daquilo que conduz o leitor a desejar comprar o jornal. Mas isso, sem que se comprometa a credibilidade do veículo junto ao público, que constitui seu maior patrimônio.

Sua proximidade com o *pólo comercial* (usando expressão de Pierre Bourdieu) do jornalismo também será determinante na escolha das fontes que utilizará. Estas, tenderão a ser as que apresentarem maior afinidade com as diretrizes do jornal - no caso dos jornais europeus transcritos, por exemplo, o mais conservador *Daily Telegraph*, em vez do opinativo *Le Monde* - e a melhor relação custo-"benefício" - caso das agências de notícias e também dos correspondentes, que tendem a ser enviados a determinados países, de maneira a aumentar o "prestígio" do jornal e não, prioritariamente, a qualidade de seus serviços.

### 3. SISTEMA INTERNACIONAL DE DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES

Quando um grande jornal, como *O Globo*, deseja receber informações atualizadas a respeito dos fatos que se passam nas diversas regiões do mundo, ele tem a possibilidade, hoje, de utilizar alguns diferentes meios: pode manter correspondentes e sucursais em outros países ou lançar mão dos enviados especiais (estes são os meios diretos, ou seja, sem intermediários), e pode coletar e transcrever reportagens de veículos de comunicação estrangeiros ou fazer uso dos serviços das agências transnacionais de notícia, da televisão ou da internet (estes são os meios indiretos).

As agências são, atualmente, um dos canais mais importantes de obtenção de informações sobre o estrangeiro, exatamente porque, como salienta Mário Erbolato,

as agências de imprensa nasceram da impossibilidade de cada jornal manter correspondentes em todo mundo e ainda terem meios para, de cada um deles, receberem a notícia com a suficiente rapidez. Nenhuma empresa poderia dar-se ao luxo de cobrir o noticiário mundial com o esforço exclusivo de suas sucursais, enviados especiais ou correspondentes... hoje em dia não há jornal que consiga se manter realmente atualizado sobre o que vai pelo mundo, sem assinar os serviços de uma ou mais agências de notícias(...) (ERBOLATO, M. 1978: p.171).

As diversas agências de notícias existentes hoje, podem ser classificadas como nacionais, regionais ou mundiais, dependendo da abrangência da sua capacidade de coleta, processamento e distribuição de informações (Cf. ERBOLATO, M. 1978: p.175). A *Agência Globo*, que presta serviços a *O Globo*,



é um exemplo de agência de abrangência nacional. Classificadas como mundiais há, atualmente, apenas cinco empresas, com sede em quatro países. São elas: *Associated Press Notice*(AP) e *United Press International*(UPI), ambas americanas; *Reuters*, inglesa; *Agence France Presse*(AFP), francesa; e a *Itar-Tass*, russa.

Este parece ser, como afirma Reginald Green, “um dos mercados mais restritos do mundo, estreitamente oligopolizado e com uma enorme distância entre os líderes e os competidores secundários”(GREEN, R. 1980: p.178). Este fenômeno tem raízes históricas que datam do início do século XIX, quando começaram a surgir, na Europa e nos Estados Unidos, as agências que dominariam o setor de difusão de informações internacionais até os dias atuais. A francesa *AFP* e, principalmente, a inglesa *Reuters*, que tinha permissão exclusiva do governo de seu país para utilizar os cabos telegráficos transoceânicos que interligavam o antigo *Império Britânico*, seguiram líderes no mercado mundial de comunicações até meados do século XX. Tanto que, em 1942, o então *gerente-geral* da AP, Kent Cooper, chegou a reclamar que as agências européias

podiam apresentar a informação proveniente de seus próprios países em termos mais favoráveis e sem seres contraditos. Seus países eram sempre glorificados. Logravam seus objetivos levando importantes progressos da civilização inglesa e francesa, cujas vantagens seriam depois, logicamente, outorgadas ao resto do mundo (MATTA F. 1980: p.72).

Em 1944, o então presidente da *Comissão Federal de Comunicações* dos Estados Unidos, James L. Fly, chegou a denunciar:

Entre as obrigações artificiais impostas ao livre desenvolvimento do comércio ao redor do mundo, nenhuma é mais irritante, nem menos justificável, que o controle por um país da estrutura das comunicações, determinando serviços particulares e impostos preferenciais a seus próprios súditos(...) (SCHILLER, H. 1980: p.102).

Poucos anos depois, a situação se alteraria radicalmente, a favor dos norte-americanos.

Na década de 1950, o nascente programa espacial norte-americano colocava à disposição dos meios de comunicação do país os inéditos sistemas de comunicação via satélite. Assim, contando com subsídios gigantescos do governo, a *UPI* e a *AP* expandiram seus negócios tornando-se, já nos anos 60, líderes absolutas nas Américas, e colocando os EUA como líder do mercado internacional de informações e em posição privilegiada em sua disputa política com a antiga União Soviética. Em 1972, a Assembleia Geral da ONU votou os princípios que regulamentariam, a partir de então, as transmissões internacionais via satélite. Os Estados Unidos votaram contra a resolução, que foi aprovada, pelos demais países participantes, por 102 votos a 1.

Desta maneira ficou estabelecido o sistema internacional de difusão de informações, por um certo período, sob o domínio

das quatro grandes agências ocidentais. A *TASS* (*Telegrafnoie Agenstsvo Sovietskovo Soyuz*) surgiu na União Soviética, e se consolidou como fornecedora de notícias aos países socialistas. Hoje, uniu-se a outra agência russa para formar a *Itar-Tass*, com participação ainda significativa no mercado mundial.

Em outras partes do mundo, o desenvolvimento das agências não conseguiu atingir ainda o mesmo patamar, apesar caminharem progressivamente neste sentido. Acordos bilaterais entre agências ou governos vêm sendo firmados a cada ano. Certas agências européias e algumas asiáticas mantêm uma ampla rede de acordos dessa natureza e dispõem de escritórios e correspondentes em todos os continentes. Mas existem diferenças regionais marcantes. Em documento publicado na longínqua década de 60, a Unesco fez uma avaliação da situação sul-americana que parece confirmar-se até os dias atuais:

Embora na dianteira da África e da Ásia na circulação de jornais diários, a América do Sul está atrás de ambas as regiões no que tange à criação de agências. Os próprios jornais têm oferecido pouco impulso para a expansão de uma agência de notícias(...) (FISCHER, H. 1970: p.86).

As próprias facilidades, principalmente financeiras, que os jornais da região encontram nos serviços das agências mundiais, somadas a uma certa apatia ideológica, desestimula-

os a empreender ou incentivar o desenvolvimento de agências de caráter regional.

No final do século XX, duas inovações técnicas e conceituais permitiram uma razoável ampliação do manancial de fontes jornalísticas disponíveis no cenário internacional. Uma delas foi a concepção das redes de televisão especializadas em notícias, que permitiu a transformação dos jornalistas em "testemunhas oculares" dos fatos, mais do que os serviços das agências o permitia. A primeira destas redes foi a norte-americana *CNN* (*Cable News Network*) que, graças a um satélite colocado em órbita diretamente sobre o eixo polar, pôde transmitir imagens ao vivo para todo o mundo. Entretanto, foi consolidar-se mundialmente apenas em 1990, quando ofereceu, em comum acordo com os militares norte-americanos, uma cobertura privilegiada da *Guerra do Golfo*. Hoje, destacam-se também neste ramo a rede britânica *BBC* (*British Broadcast Corporation*), a norte-americana *Bloomberg* e, em menor escala, a rede *Al-Jazira*, com sede no Qatar.

Outra grande inovação foi o advento da internet, a rede mundial de computadores, que teve seu epicentro também nos Estados Unidos. A rede abriu um canal aparentemente ilimitado de transmissão de dados, não só para os veículos de comunicação, mas também para o indivíduo comum. Sobre ela

pesa, contudo, a dúvida quanto a confiabilidade dos dados que dispõe aos usuários, devido ao anonimato ou à falta de confiabilidade das fontes. Sendo assim, acabou tornando-se mais um prolongamento e um agilizador dos serviços oferecidos pelos veículos de comunicação tradicionais, do que um canal alternativo de obtenção de informações, pelo menos do ponto de vista jornalístico.

Completando o leque de fontes disponíveis para o jornalismo internacional, estão os jornais estrangeiros. Estes seriam, a princípio, fornecedores de informações sobre seus respectivos países, podendo ser escolhido, potencialmente, qualquer jornal capaz de enviar seu material com suficiente rapidez até um usuário em outro país. Entretanto, a maior parte dos jornais da América Latina adotou um leque muito estreito de referências, que tem como elementos de intercessão, basicamente, o *New York Times* e o *The Washington Post* (Cf. ARBEX, J. 2002: p.198). A estes, juntamente com alguns outros poucos diários norte-americanos e europeus, cabe a função de fornecer aos periódicos latino-americanos e, mais especificamente, a *O Globo*, comentários e análises sobre os assuntos que estão em pauta na "corrente" internacional de notícias (conforme nos afirmou o *Editor-adjunto* de *O Globo*, Trajano de Moraes).

Todos estes canais prestam serviços fundamentais à comunidade internacional, mas, já há algumas décadas, este sistema tem recebido críticas de estudiosos da área. Críticas que se concentram, basicamente, em dois pontos essenciais. O primeiro, refere-se à maneira como o fluxo de informações é condicionado à lógica comercial. Juan Somavía discorre sobre este ponto da seguinte forma:

A concepção mercantil da notícia leva estruturalmente implícita uma discriminação sistemática contra aqueles fatos que não podem ser "vendidos", e que, portanto, de acordo com essa racionalidade, não são "notícia", porque não interessam ao mercado dominante. Igualmente, há uma tendência à distorção para adequar o enfoque dos fatos às formas que os façam mais vendáveis. Neste processo, a natureza social do acontecimento e sua racionalidade própria, perdem-se completamente(...)

A seleção e a adaptação dos fatos ao mercado obrigam a orientação da informação segundo a "demanda" de tal mercado. Isso coloca a necessidade de determinar como se configura essa demanda; quem ou quais são os que determinam o que o mercado quer? (SOMÁVIA, J. 1980: p.43).

Ora, o consumo determina o que o mercado quer, e os maiores consumidores de informação no mundo são os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Para se ter uma idéia, no Brasil consome-se uma média de 1 jornal diário para cada 23 habitantes. No Reino Unido este número é de 1 jornal para cada 4 habitantes(Cf. ARBEX, J. 2002: p.264). Isso faz com que um país com uma população mediana, como o Reino Unido, consuma mais do dobro de jornais que o Brasil, que é o maior mercado do Hemisfério Sul. São portanto, estas regiões consumidoras que determinam o que e como serão difundidas as informações, na medida em que o sucesso comercial em seus mercados

determina a sobrevivência, ou não, de uma multinacional das comunicações. E isso nos leva ao segundo ponto crítico da atuação do sistema internacional de difusão de informações: sua parcialidade.

É fato, que os veículos de comunicação tendem, naturalmente, a exercer suas atividades em função dos interesses do público e dos governos de seus respectivos países-sede, que são normalmente, seus maiores mercados e suas bases de apoio político(quando necessário) e cultural. Tendem a criar(inconsciente ou deliberadamente) um fluxo de informações que superinforma a respeito de seus países e sub-informa a respeito de outras regiões do globo. Tendem também a fazer a mediação entre culturas diversas, através do prisma de seu universo cultural particular; na verdade, até mesmo os "conceitos de notícia" que empregam são próprios de suas culturas.

Seria razoável, portanto, imaginar que a atuação desses meios de comunicação produza um certo "impacto cultural", nos países onde eles estão presentes.

Pessoas de culturas diferentes não só falam línguas diversas, mas, o que é talvez mais importante, habitam em diferentes mundos sensoriais. O peneiramento seletivo dos dados sensoriais admite algumas coisas, enquanto elimina outras, a tal ponto que a experiência, como percebida através de uma série de filtros sensoriais, culturalmente padronizados, é bastante diferente daquela percebida através de outros, diz E. Hall (ARBEX, J. 2002: p.85).

Alguns estudos realizados principalmente entre meados da década de 60 e início da década de 80, por autores como Herbert Shiller, Armand Mattelart, Fernando Reyes Mata, Juan Somávia, Al Hester, entre outros, denunciam comportamentos nem sempre idôneos das grandes agências de notícias no que diz respeito à manipulação das notícias por elas difundidas. Foram identificados, por estes pesquisadores, casos de seleção arbitrária de informações(Cf. GUARESCHI, P. 1981: p.37), usos de rótulos tendenciosos para classificar certos movimentos, governos e personalidades, e ainda casos de distorção de informações(Cf. SOMAVIA, J. 1980: p.40) e de falseamento de dados(Cf. BELTRÁN, L. 1982: p.49-50); sempre em benefício de supostos interesses dos governos e das classes dominantes de seus países-sede.

Denúncias similares têm sido feitas por autores diversos em relação à atuação das redes de televisão, jornais e todo o conjunto da mídia norte-americana e dos países europeus, principalmente quando do surgimento de crises internacionais que envolvam grandes interesses econômicos e políticos destes países. Tudo isso vêm alimentando a chama dos movimentos a favor da criação de canais alternativos para a difusão de notícias em âmbito mundial, inclusive com estudos e propostas para a criação de agências realmente inter-nacionais de notícias, que até agora, não se concretizaram.



#### 4. PESQUISA SOBRE O NOTICIÁRIO INTERNACIONAL DO JORNAL O *GLOBO*

Contextualizado nosso objeto de estudo, podemos agora caminhar em direção ao objetivo maior deste trabalho, ou seja, a apresentação e a análise dos dados coletados a partir da pesquisa que realizamos sobre a seção "O Mundo", onde está concentrado o noticiário político internacional do jornal *O Globo*.

A pesquisa engloba oitenta edições do jornal (ver 'Bibliografia') publicadas entre 1º de janeiro de 2001 e 11 de setembro de 2001. Nossa proposta inicial era utilizar 40 edições publicadas entre os meses de janeiro e março do ano passado e outras 40, entre os meses de setembro e dezembro do mesmo ano. Porém, os ataques terroristas que aconteceram no dia 11 de setembro, nos Estados Unidos, praticamente monopolizaram o noticiário internacional do jornal a partir daquela data. Tivemos então que mudar os planos, utilizando as edições que tínhamos disponíveis até o dia 11 de setembro, para completar o número de 80 edições, que consideramos razoável.

A primeira fase da pesquisa consiste no levantamento estatístico da mancha gráfica do jornal, utilizando-se régua e calculadora para determinar, em cm<sup>2</sup>, a área ocupada pelas

várias matérias publicadas na seção. A classificação destas matérias foi feita sob o prisma das divisões nacional, regional e temática. Sendo assim, cada notícia depois de ter a área calculada, foi discriminada de acordo com o país e a região a que se refere, com os demais países com os quais têm relação e com o tema que aborda. Levantados os números totais, foram então transformados em números percentuais, para sua melhor visualização dentro do contexto.

A segunda fase da pesquisa consiste na realização de análises do material obtido e dos estudos de caso, que buscarão trazer à tona percepções importantes que não tenham ficado evidenciadas com a simples apresentação dos números gerais. Neste momento, serão levantados vários temas e questões pertinentes ao jornalismo internacional atual, sobre os quais procuraremos oferecer alguma contextualização. Não temos, entretanto, a pretensão de nos aprofundarmos demasiadamente em cada um dos assuntos que forem eventualmente surgindo, pois isto representaria um aumento muito grande do nosso campo de estudo. Nos concentraremos em nosso objetivo inicial de apresentar dados que, eventualmente, possam ser de utilidade para outros pesquisadores que venham a tratar mais especificamente dos temas aqui meramente tangenciados.

A terceira e última parte de nossa pesquisa, consiste em uma entrevista realizada com o *Editor-adjunto* da editoria "Internacional", Trajano de Moraes . Ao entrevistado foram feitas perguntas referentes a questões levantadas durante a realização da pesquisa, cabendo a ele a função principal de explicar as condições de trabalho, as predisposições dos jornalistas e os critérios aplicados pela redação do jornal na seleção e tratamento dado às notícias.

#### 4.1 *Considerações Gerais*

Para Gerhard Maletze a comunicação entre os povos pode dar-se de duas maneiras distintas: pode ser "intercultural" ou "internacional". Ele define suas categorias da seguinte forma:

*Comunicação Intercultural* é o processo de intercâmbio de idéias e sentidos entre pessoas de diferentes culturas.

*Comunicação Internacional* é o processo de comunicações entre os diferentes países ou nações (FISCHER, H. 1970: p.31).

O jornalismo de *O Globo* é, assim como o da grande maioria dos periódicos atuais(se não de todos), claramente definível como "internacional" e não "intercultural". Ocupa-se com personalidades e processos políticos, ações militares processos jurídicos e toda uma gama de "assuntos de Estado", ou "assuntos oficiais". Esta é uma característica muito

marcante que tem que ser levada em conta quando se deseja realizar um estudo deste tipo.

Durante o período pesquisado, *O Globo* dedicou em média, 3 páginas diárias ao noticiário internacional. Destas, 2,25 páginas foram ocupadas pelo noticiário político. O restante do espaço foi normalmente utilizado pela seção "Ciência e Vida" e por anúncios publicitários.

As fontes utilizadas pelo jornal naquele período foram:

- As agências de notícias *AP*(Estados Unidos), *Reuters* (Reino Unido), *AFP*(França), *DPA*(Alemanha), *EFE*(Espanha) e *ANSA*(Itália).
- Os jornais *New York Times*(EUA), *The Washington Post*(EUA), *Los Angeles Times*(EUA), *Daily Telegraph*(ING.) e, esporadicamente, outros de países variados para tratar de temas específicos.
- Correspondentes(exclusivos ou *free-lancers*) em Nova York, Washington, Londres, Paris, Berlim, Madri, Roma, Genebra, Tel Aviv e Buenos Ares.
- Além de, informalmente, a rede de televisão *CNN*(EUA) e sites da internet - principalmente os sites oficiais das fontes já utilizadas pelo jornal, e também o da agência *Bloomberg*(EUA).

## 4.2 Distribuição Geográfica

Os primeiros dados que apresentaremos dizem respeito à divisão nacional e regional do noticiário. Para chegarmos aos números que mostraremos a seguir levamos em consideração os seguintes critérios: consideramos o país a que cada notícia se refere, mais especificamente, para então atribuímos a ele a área utilizada pela notícia. No caso das notícias bilaterais, ou seja, que tratam da relação de dois países sem privilégio de nenhum, optamos por distribuir proporcionalmente a área do noticiário entre ambos. As notícias multinacionais somamos à classificação 'Internacional' e as notícias de caráter universal, ou seja, aquelas que não se referem absolutamente a nenhum país ou região, forma incorporadas pela categoria 'Universais'.

Sendo assim, chegamos aos seguintes números:

### Distribuição nacional e regional

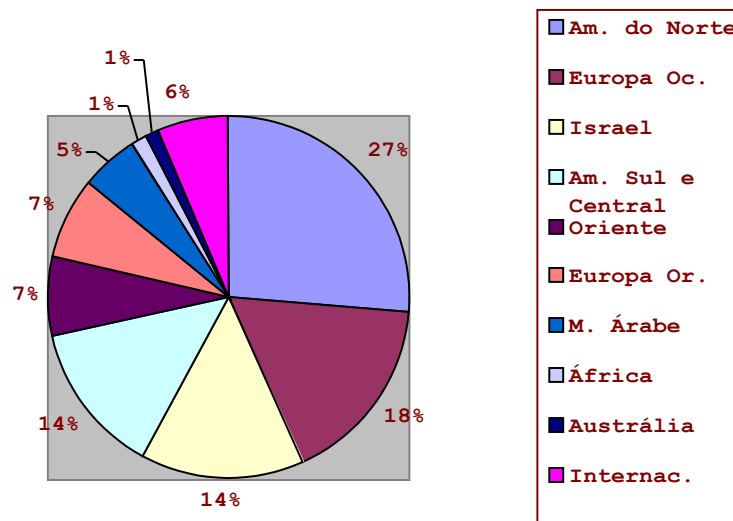
País	Área ocupada Na seção	Em %	País	Área ocupada na seção	Em %
<b>Europa Ocidental</b>			<b>América do Sul e Central</b>		
Reino Unido:	11.320,93 cm <sup>2</sup>	- 4,53%	Peru	: 9.754,49 cm <sup>2</sup>	- 3,91%
França	: 9.756,78 cm <sup>2</sup>	- 3,91%	Argentina	: 6.317,49 cm <sup>2</sup>	- 2,53%
Vaticano	: 7.508,71 cm <sup>2</sup>	- 3,00%	Chile	: 4.884,26 cm <sup>2</sup>	- 1,96%
Alemanha	: 3.213,62 cm <sup>2</sup>	- 1,30%	Colômbia	: 4.189,29 cm <sup>2</sup>	- 1,68%
Portugal	: 1.789,66 cm <sup>2</sup>	- 0,70%	Brasil	: 3.143,85 cm <sup>2</sup>	- 1,26%
Holanda	: 1.745,85 cm <sup>2</sup>	- 0,70%	Nicarágua	: 1.982,98 cm <sup>2</sup>	- 0,80%

Itália	: 1.713,01 cm <sup>2</sup>	- 0,68%	El Salvador:	1.416,35 cm <sup>2</sup>	- 0,57%
Espanha	: 1.363,05 cm <sup>2</sup>	- 0,55%	Equador	: 898,57 cm <sup>2</sup>	- 0,36%
Suécia	: 432,86 cm <sup>2</sup>	- 0,17%	Venezuela	: 481,67 cm <sup>2</sup>	- 0,19%
Outros	: 3.208,64 cm <sup>2</sup>	- 1,29%	Outros	: 942,11 cm <sup>2</sup>	- 0,38%
<b>Extremo Oriente</b>			<b>América do Norte</b>		
China	: 7.600,58 cm <sup>2</sup>	- 3,04%	E.U.A.	: 61.607,77 cm <sup>2</sup>	- 24,68%
Timor	: 3.489,92 cm <sup>2</sup>	- 1,40%	México	: 3.896,35 cm <sup>2</sup>	- 1,56%
Japão	: 2.705,64 cm <sup>2</sup>	- 1,08%	Cuba	: 534,98 cm <sup>2</sup>	- 0,21%
Índia	: 2.204,06 cm <sup>2</sup>	- 0,88%	Canadá	: 43,18 cm <sup>2</sup>	- 0,02%
Filipinas	: 1.113,53 cm <sup>2</sup>	- 0,45%	<b>Europa Oriental</b>		
Outros	: 966,48 cm <sup>2</sup>	- 0,39%	Iugoslávia	: 7.067,77 cm <sup>2</sup>	- 2,83%
<b>África Sub-saariana</b>			Rússia	: 5.922,61 cm <sup>2</sup>	- 2,37%
Nigéria	: 1.362,81 cm <sup>2</sup>	- 0,55%	Macedônia	: 3.780,25 cm <sup>2</sup>	- 1,50%
R.D. Congo	: 1.352,27 cm <sup>2</sup>	- 0,54%	Albânia	: 448,50 cm <sup>2</sup>	- 0,18%
A. do Sul	: 290,43 cm <sup>2</sup>	- 0,12%	Outros	: 692,96 cm <sup>2</sup>	- 0,28%
Outros	: 462,99 cm <sup>2</sup>	- 0,18%	<b>Internacional</b>		
<b>Mundo Árabe/Muçulmano</b>			Internacional:	2.990,77 cm <sup>2</sup>	- 1,20%
Afeganistão:	5.050,53 cm <sup>2</sup>	- 2,00%	O.N.U.	: 2.988,02 cm <sup>2</sup>	- 1,20%
Iraque	: 3.523,45 cm <sup>2</sup>	- 1,40%	Universais	: 9.702,27 cm <sup>2</sup>	- 3,88%
Irã	: 1.808,27 cm <sup>2</sup>	- 0,70%	<b>Países não agrupados</b>		
Arábia S.	: 1.589,25 cm <sup>2</sup>	- 0,64%	Israel	: 35.840,86 cm <sup>2</sup>	- 14,35%
Líbia	: 722,19 cm <sup>2</sup>	- 0,30%	Austrália	: 2.968,06 cm <sup>2</sup>	- 1,19%
Turquia	: 327,55 cm <sup>2</sup>	- 0,13%			
Outros	: 512,56 cm <sup>2</sup>	- 0,20%	<b>Total</b>	: 249.648,27 cm <sup>2</sup>	- 99,95%

As percentagens regionais então seriam:

- América do Norte: 26,47%
- Europa Ocidental: 16,83%
- Israel : 14,35%
- A. Sul e Central: 13,64%
- Extremo Oriente : 7,24%
- Europa Oriental : 7,16%
- Mundo Árabe : 5,37%
- África Subsaara : 1,39%
- Austrália : 1,19%
- Internacionais\
- Universais : 6,28%

### Distribuição Regional



A análise estatística da distribuição regional aponta para uma preponderância dos temas relacionados à *América do Norte*, principalmente devido ao espaço dedicado aos temas ligados aos Estados Unidos. O continente é seguido pela *Europa Ocidental* e por *Israel*. Somente na 4ª posição aparecem a *América do Sul e Central*, indicando uma aparente falta de interesse por nossos vizinhos. Também estão, nesta categoria, incluídos os números relacionados ao Brasil, que aliás, são pequenos: apenas 1,26% do noticiário. Seguem-se então, o *Extremo Oriente*, a *Europa Oriental* e o *Mundo Árabe*. A *África Subsaara* foi quase excluída do noticiário, ocupando um espaço de apenas 1,39% de seu total e a *Austrália* vem a seguir com 1,19%.

Faz-se necessário explicar que alguns países não se encaixam adequadamente em nenhuma classe regional. É o caso,

por exemplo, de Israel, Austrália, Grécia e Cuba, que, apesar de geograficamente próximos a outros países, distanciam grandemente de seus vizinhos em termos culturais, históricos, étnicos ou políticos. No caso de Cuba, optamos por agrupá-lo à América do Norte, já que todas as notícias sobre o país estavam relacionadas à política externa norte-americana. Quanto à Grécia, optamos por agrupá-la à Europa Oriental, dando preponderância à sua posição geográfica. Austrália e Israel foram consideradas separadamente.

Os países aos quais o jornal dedicou mais espaço em suas páginas foram:

- EUA	: 24,68%	- Iugoslavia	: 2,83%
- Israel	: 14,35%	- Argentina	: 2,53%
- Reino Unido:	4,53%	- Rússia	: 2,37%
- França	: 3,91%	- Afeganistão:	2,00%
- Peru	: 3,91%	- Chile	: 1,96%
- China	: 3,04%	- Universais	: 3,88%
- Vaticano	: 3,00%		

Uma dificuldade latente em qualquer trabalho deste tipo, são as várias crises que ocorrem freqüentemente nas diferentes partes do mundo, prendendo momentaneamente a atenção da mídia internacional e nacional. Provavelmente devido à violência desencadeada pela nova intifada ter despertado grande interesse da mídia norte-americana, por



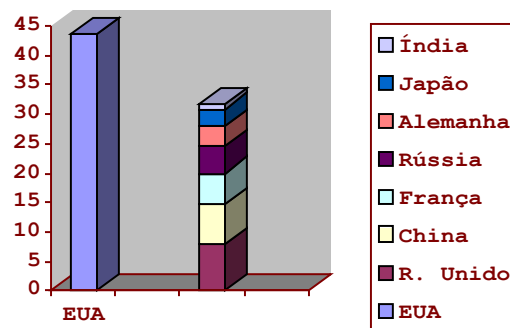
exemplo, é que foi destinado a Israel 14,35% do espaço da seção. Também o Peru, com os escândalos de Vladimir Montesinos e a primeira eleição presidencial pós-Fujimori, obteve números inchados. Caso também da Iugoslávia, com o julgamento de Milosevic, da China com um acidente aéreo envolvendo um avião militar norte-americano, do Chile com o processo judicial contra Pinochet, etc... Enfim, vários acontecimentos críticos que causam pequenos ou, como no caso de Israel, grandes deformações no quadro geral do noticiário. Tentamos ao máximo evitar tais distorções, aumentando o número de edições pesquisadas e encerrando a pesquisa oportunamente (no dia 11 de setembro de 2001), mas ainda assim elas ficam evidentes nos números finais.

Procuramos também determinar, para alguns países, a área das notícias que estão relacionadas a eles de forma secundária. Por exemplo: ocorre o casamento do presidente da Síria com uma mulher inglesa; esta notícia se refere à Síria, mas também está relacionada à Inglaterra. Outro exemplo: negociações de paz em Israel, emissário norte-americano é o interlocutor; a notícia se refere a Israel mas os Estados Unidos estão relacionados. Sempre que uma notícia contar com a participação de cidadãos de certo país, que expor o posicionamento ou a atitude de seu governo, ou que utilizar suas referências culturais para ilustrar situações que

ocorrem no estrangeiro, ela estará 'relacionada' a este país. À soma da área ocupada pelas notícias que se 'referem' diretamente a um país, com a da área das notícias 'relacionadas' a este país, chamaremos 'área de influência' deste país no jornal. Vejamos então a 'área de influência' de algumas das maiores potências do mundo, nas edições pesquisadas:

<b>País</b>	<b>Notícias Referentes</b>		<b>Notícias Relacionadas</b>		<b>Área de Influência</b>
EUA	24,68%	+	18,90%	=	43,58%
Reino Unido	4,53%	+	3,31%	=	7,84%
China	3,04%	+	3,92%	=	6,96%
França	3,91%	+	1,28%	=	5,19%
Rússia	2,37%	+	2,10%	=	4,47%
Alemanha	1,30%	+	2,12%	=	3,42%
Japão	1,08%	+	1,80%	=	2,88%
Índia	0,88%	+	0,12%	=	1,00%

#### **Áreas de Influência**



Vemos portanto, que a 'área de influência' direta dos Estados Unidos abrange quase a metade do jornal e é superior à soma das áreas de influência das outras 8 potências utilizados na comparação. Dentre estas, a Índia foi a mais marginalizada, tendo influência direta em apenas 1% do espaço publicado na seção.

#### 4.3 Distribuição Temática

O empreendimento da divisão temática foi um processo um pouco mais trabalhoso do que o da divisão geográfica do noticiário. Este contou com a utilização de divisões nacionais e regionais comumente aceitas, diferente da classificação temática que utilizou categorias inéditas, que tiveram que ser elaboradas no decorrer do trabalho. Para criar estas categorias partimos do princípio da repetição de uma determinada linha temática no decorrer do próprio levantamento. Assim, quando sucessivas notícias a respeito de

escândalos (amorosos, de corrupção, etc...) foram constatadas, criou-se a categoria 'Escândalos'. O mesmo processo foi utilizado na criação das demais categorias.

Se o leitor sentir falta de uma determinada categoria, provavelmente será porque as notícias que nela se encaixariam, ou não existiram, ou existiram em pequena quantidade, ou não se caracterizaram a ponto de justificar, no nosso entendimento, a criação de uma nova categoria. As notícias nestas condições foram então agrupadas na categoria 'Outros'.

A divisão temática ficou contando então com as seguintes categorias:

- Violência: engloba as notícias que se centram na violência explícita; ex.: assassinatos, batalhas, ataques terroristas, etc...
- Militar: assuntos relacionados à técnica ou inteligência de forças armadas, sejam elas regulares, de guerrilhas ou do crime organizado; ex.: descrição de armamentos e de sistemas militares, espionagem, crime organizado, redes terroristas, etc...
- Tragédias e dramas humanos: reportagens centradas no sofrimento humano, seja em casos extremos, como em grandes desastres, ou em casos particulares, como dramas familiares.

- Escândalos: denúncia e desenrolar de casos que suscitam furor e indignação popular.
- Política: articulações e desenrolar de processos políticos e eleitorais.
- Religião: notícias com conteúdo centrado em paradigmas religiosos.
- Frivolidades: fofocas e superficialidades de todos os gêneros.
- Sociedade: matérias que tratam da vida cotidiana do cidadão comum, ou que prestam esclarecimentos sobre o universo cultural de determinada região.
- Justiça: julgamentos, processos judiciais em geral.
- Personalidades: notícias centradas em traços de personalidade de pessoas famosas ou de entrevistados.
- Saúde pública: notícias que tratam de saúde pública.
- Outros: notícias que não podem ser classificadas adequadamente nas categorias anteriores.

O resultado obtido então, foi o seguinte:

<b>Categoria</b>	<b>Área ocupada na seção</b>	<b>Em %</b>
------------------	----------------------------------	-------------

Política	:	66.948,06 cm <sup>2</sup>	-	26,82%
Violência	:	36.563,03 cm <sup>2</sup>	-	14,46%
Tragédias e dramas	:	30.444,92 cm <sup>2</sup>	-	12,20%
Militar	:	20.870,99 cm <sup>2</sup>	-	8,36%
Escândalos	:	19.794,92 cm <sup>2</sup>	-	7,93%
Justiça	:	12.988,43 cm <sup>2</sup>	-	5,20%
Frivolidades	:	12.288,27 cm <sup>2</sup>	-	4,92%
Personalidades:	:	11.921,13 cm <sup>2</sup>	-	4,77%
Sociedade	:	11.850,14 cm <sup>2</sup>	-	4,75%
Saúde Pública	:	8.305,83 cm <sup>2</sup>	-	3,33%
Religião	:	4.533,75 cm <sup>2</sup>	-	1,82%
Outros	:	13.139,00 cm <sup>2</sup>	-	5,26%
Total	:	249.648,42 cm <sup>2</sup>	-	99,90%

Prevalecem, portanto, as notícias referentes à política, propriamente dita, consistindo em, aproximadamente, 1/4 do noticiário. Entretanto, temas mais picantes, ligados à violência, tragédias, assuntos militares, escândalos e frivolidades, ocupam espaços consideráveis da editoria. O desinteresse para com os assuntos religiosos(1,82%) pode sinalizar para o caráter secular do jornalismo praticado pelo veículo, enquanto o espaço relativamente pequeno reservado para a categoria 'Sociedade' (4,75%) confirma o fato de

tratar-se de jornalismo "inter-nacional" e não "inter-cultural", como se poderia desejar. O "jornalismo internacional" baseia-se na estrutura dos Estados, nas relações que estabelecem entre si e nas disputas internas e externas pelo poder, utilizando-se, principalmente, de suas fontes oficiais. Já o "jornalismo intercultural" basear-se-ia na cultura e nos modos de vida dos povos, utilizando-se de fontes mais variadas, que melhor caracterizariam a vida dos "indivíduos-médios" de cada sociedade.

## 5. ANÁLISES E ESTUDOS DE CASOS

Mesmo para um olhar atento e experiente, a simples exposição de números feita até agora pouca coisa revelará, se não acompanhada das necessárias reflexões e aprofundamentos. Mergulhemos pois, nestes números até agora pouco significantes e em casos bem particulares de seleção e tratamento de notícias para melhor entendermos a real situação do noticiário internacional de *O Globo*, durante o período pesquisado.

Uma das coisas que ficaram evidentes até o momento, foi certa preponderância dos Estados Unidos e, conseqüentemente, da América do Norte, nas estatísticas geográficas. Começemos pois, nossas análises a partir desta constatação.

#### 4.3.1. *Geocentrismo*

Nos capítulos anteriores, quando dissertávamos sobre a constituição do sistema internacional de difusão de informações e sobre as feições estruturais das empresas do grupo *Globo*, ressaltamos o risco potencial de algumas de suas tendências provocarem certos desequilíbrios no noticiário internacional do jornal. E o primeiro dos sintomas destes desequilíbrios manifesta-se na forma de uma distribuição geográfica desigual, centrada nos países produtores e fornecedores do material jornalístico utilizado pelo jornal,



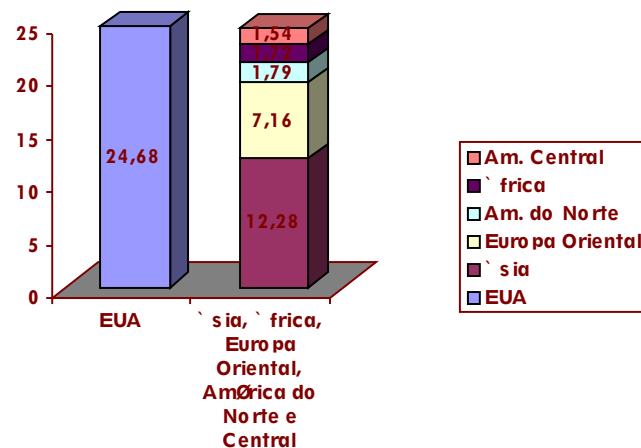
principalmente os Estados Unidos. Israel, segundo país mais destacado pelo jornal, deve ser considerado à parte, como já explicamos, mas não deve ser descartada a hipótese de que sua proximidade política com os Estados Unidos possa ser, em parte, responsável pelo grande interesse que desperta na mídia internacional.

No caso dos Estados Unidos, o espaço que ocupa no jornal é, sem dúvida, muito privilegiado, mesmo considerando sua posição no cenário internacional, como maior potência econômica, militar e tecnológica. Como afirma Armand Mattelart,

(...)a base do poder americano está, em grande parte, em seu domínio do mercado mundial das comunicações. Oitenta por cento das palavras e imagens que circulam no mundo provêm dos Estados Unidos. (MATTELART, A. 1994: p.168).

Para começar, os 24,68% do espaço do jornal dedicado ao país, ou seja, um quarto da seção, é maior do que os espaços dedicados ao restante da América do Norte, à América Central, África, países árabes, Rússia, Europa Oriental, Japão, China, Índia e todo o restante da Ásia... juntos.

### **Geocentrismo**



Estamos falando de cerca de 5 bilhões de pessoas para as quais é dedicado um espaço bastante reduzido nas páginas do jornal. Proporcionalmente, cada cidadão norte-americano recebe 20 vezes mais espaço que um cidadão das outras áreas citadas na comparação.

Pudemos verificar também que, além de um quarto do espaço do jornal serem dedicados ao país, outros 18,9% do restante do espaço do jornal fazem referência direta a ele. Isso acontece porque, com muita frequência, o jornal reporta o posicionamento do governo daquele país no concernente a temas estrangeiros, o que é justificável por sua importância no cenário internacional.

O que não é muito compreensível é o grande destaque dado a situações isoladas pelo mundo afora, envolvendo cidadãos norte-americanos, numa cobertura sem paralelo com nenhum outro país do mundo. Lendo-se as edições estudadas ficar-se-á

informado de que um americano foi morto por guerrilheiros no Equador(02\02), uma americana vai a julgamento no Peru(20\03), outra foi morta por assaltantes no México(13\02), um outro foi libertado nas Filipinas(13\04), um milionário aventureiro americano pousa de balão no Brasil(20\08), jornalista de rede de TV americana sofre atentado na Colômbia (16\02), crianças americanas são feridas em Israel(28\08), americanos são julgados no Afeganistão... Além disso, somos informados também que agora é obrigatório o uso de capacete para se andar de patinete em Nova York((05/02), que o imposto de calefação foi suspenso na cidade(12/02), que lá também aumentou o número de restaurantes especializados em carne vermelha(11/03), ou ainda que a prefeitura da cidade contratou novos professores(12/3)... Quando um atirador solitário atirou, despretensiosamente, em direção à Casa Branca, isto se tornou uma reportagem de capa da seção, seguindo sua cobertura nos dias seguintes. Este fato isolado consumiu  $1.345,48\text{cm}^2$  (0,54% do espaço total estudado), mais do que muitos países conseguiram durante os 80 dias da pesquisa.

Talvez o professor da *City University*, de Londres, Jeremy Tunstall, tenha alguma razão ao afirmar que "a mídia, em qualquer país é americana, da mesma forma que o espagete é italiano e o críquete é britânico"(ARBEX, J. 2002: p.99).

Mas, o fenômeno que descrevemos não se aplica somente aos Estados Unidos. As eleições municipais de Paris, por exemplo, ocupam área 4 vezes maior que o assassinato do presidente do Congo e 5 vezes maior que todo o processo de impeachment do presidente das Filipinas. Para entendermos as desproporções do quadro, basta invertermos as situações. Imaginemos que os fatos ocorridos fossem: 1)Assassinato do presidente da França; 2)Eleições municipais em Kinshasa. Qual teria recebido mais espaço? Pessoalmente, pensamos que as eleições de Kinshasa nem seriam reportadas, enquanto o assassinato na França monopolizaria o noticiário. Nota-se portanto o uso de critérios desiguais, o que popularmente chamaria-se de "dois pesos, duas medidas".

Estes fenômenos podem ter como causa principal a grande concentração geográfica das fontes utilizadas pelo jornal, o que ocasionaria uma saturação de informações a respeito de determinadas áreas, principalmente os Estados Unidos.

#### **Distribuição geográfica das fontes**

<b>País</b>	<b>EUA</b>	<b>Israel</b>	<b>França</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>Outros</b>
<b>Agências</b>	AP	_____	AFP	Reuters	DPA (Ale.) EFE (Esp.) ANSA (Ita.)
<b>Correspon- dentes</b>	Nova York E Washington	Tel Aviv	Paris	Londres	Berlim, Roma Madri, Genebra, Buenos Aires
<b>Jornais Transcri- tos</b>	N.Y.Times W. Post L.A.Times	_____	_____	D.Telegrph	_____
<b>Outras</b>	CNN Bloomberg Internet	_____	_____	_____	_____

Parece existir portanto, uma relação direta entre a distribuição das fontes e a maneira como cada país é tratado no noticiário. Estados Unidos, Israel, Reino Unido e França são, simultaneamente, quatro dos países que mais fontes oferecem ao jornal e os que ocuparam maior área na seção.

Ao mesmo tempo em que se verifica essa superinformação a respeito destes países, nota-se uma carência informativa marcante em relação a outras regiões do mundo. Voltando aos números percentuais, notamos que um país como a Índia, por exemplo, que abriga 1/6 da população mundial ocupa apenas o 1/114 (0,88%) do espaço da seção. O Japão, com a segunda maior economia do mundo, ocupa apenas 1,08% da seção. Dos 3,04% do espaço dedicado à China, quase a metade está relacionada a um incidente aéreo envolvendo um avião militar

norte-americano. A Rússia, segunda maior potência militar, ocupa apenas 2,37% do noticiário internacional do jornal.

A própria América do Sul, incluindo o Brasil e todos os nossos vizinhos continentais, não chega aos 12,1%, menos da metade do espaço dedicado aos Estados Unidos (24,68%), e menos que a Europa Ocidental (16,83%) e Israel (14,35%). Isto talvez se deva ao pouco interesse que os europeus e norte-americanos têm pelo que ocorre no continente, o que acaba determinando a falta de interesse dos próprios jornalistas brasileiros. Sobre este ponto, o pesquisador norte-americano, James Markham afirma que,

(...)curiosamente, este interesse[dos sul-americanos] por nós não têm sido correspondido pelo interesse dos Estado Unidos pela América do Sul, apesar de tudo o que esta zona representa para nós, tanto em termos políticos como econômicos (BELTRÁN, L. 1982: p.47).

Numa pesquisa realizada por Al Hester, notou-se que, de todos os itens noticiosos enviados pelos escritórios latino-americanos para sede da agência AP, em Nova York, num período de 3 semanas, apenas 7,8% foram retransmitidas pela agência para seus assinantes na América Latina e em todo o mundo. Em contrapartida, os Estados Unidos foram privilegiados com dois terços de todo o material enviado, seguido pela Europa Ocidental com 13%. (GUARESCHI, P. 1981: P.37). Luiz Ramiro Beltrán, afirma que

(...)as agências de notícias e os meios de comunicação de massas norte-americanos mostram-se basicamente indiferentes aos acontecimentos latino-americanos... exceto quando eles se encaixam

dentro de seu conceito tradicional de notícia: tudo aquilo que seja incomum, "o homem que morde o cão" (BELTRÁN, L. 1982: p.47).

Mas talvez, o desinteresse mais marcante seja em relação à África Negra. O continente, que tem relações históricas, raciais e culturais bem próximas ao Brasil, esteve praticamente banido do noticiário, recebendo, em seu conjunto, 1,39% do espaço total. Países de língua portuguesa, como Moçambique e Guiné, nem sequer apareceram. Angola, foi citada apenas em uma pequena nota. Além de provavelmente ignorado pelos meios de comunicação ocidentais, o continente parece não suscitar grande interesse da direção do jornal, que comparou-o no editorial do dia 12/02, a "um pé gangrenado" da Humanidade (pag.6).

## 5.2. *Etnocentrismo*

Nas palavras de Everardo Rocha,

A Antropologia reserva o termo *etnocentrismo* a uma espécie de tendência, uma vocação recorrente, de julgar outras culturas pelos valores da nossa. É uma visão do mundo onde o nosso grupo é tomado como centro e a diferença é marcada, pensada e sentida através dos nossos valores (ROCHA, E. 1995: p.122).

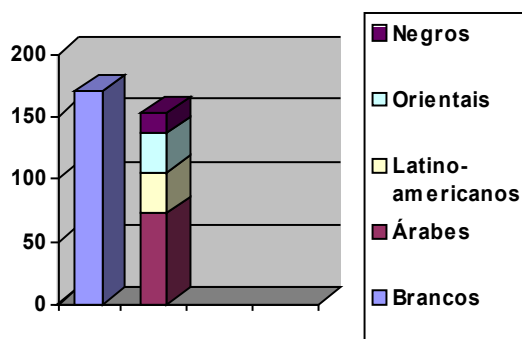
O *etnocentrismo* manifesta-se portanto nas páginas de um jornal, quando ele nos diz o que é "normal", através da repetição cotidiana de certos padrões, e quando ele nos diz o que "não é normal", através de elementos que destacam as diferenças.

Analisando os tipos raciais focalizados nas 495 ilustrações publicadas na seção durante o período estudado, podemos visualizar uma espécie de “normalidade racial” manifestada. Os números a que chegamos delimitam a quantidade de ilustrações em que cada tipo racial prevalece absoluto (fotos com tipos raciais variados foram somadas à categoria ‘Variados’). Os números são:

- Brancos : 170 ilustrações
- Árabes : 73 ilustrações
- Orientais : 33 ilustrações
- Latino-americanos: 31 ilustrações
- Negros : 16 ilustrações
- Variados : 32 ilustrações
- Indeterminado\ não existente : 105 ilustrações

É importante perceber que o número de fotos que focalizam exclusivamente personagens de tipos raciais brancos (170) é maior que o número de todos os outros tipos raciais somados (árabes + latino-americanos + orientais + negros = 153).

**Distribuição Racial das Fotografias**





Embora tenha sido raro, foi possível identificar distinções raciais diretamente no texto do jornal. No dia 07/04, por exemplo, dentro de um box de título **"O FEIO, O BELO E A TIA"**, havia a descrição física dos candidatos à presidência do Peru. Alan Garcia(branco) foi eleito "o mais simpático fisicamente", em pesquisa de opinião realizada no Peru. Lourdes Flores foi taxada como "a tia" e Alejandro Toledo foi descrito da seguinte maneira no texto do jornal: "...Alejandro Toledo, o candidato favorito, é também o mais feio. De baixa estatura e traços indígenas, ele se considera o representante dos indígenas que formam a maioria da população". Passa-se a impressão de justificar a "feiúra" do candidato por seus "traços indígenas". No dia 09/04, a referência racial é mais evidente. O título da reportagem de capa da seção é **"O ÍNDIO E O EX-PRESIDENTE"**. O texto começa assim: "O candidato de origem indígena Alejandro Toledo, e o ex-presidente Alan Garcia, deverão disputar o segundo turno das eleições à Presidência do Peru...". É interessante notar que não se aponta a "origem européia", ou "a origem branca" de Garcia, como se isso fosse um dado natural, enquanto a "origem indígena" de Toledo, não. Este fenômeno é previsto por Juan Somávia, quando adverte que

A linguagem serve para generalizar a imagem implícita do que é "normal" do ponto de vista da "ordem" que as agências representam.

O que quebra esta "normalidade" é qualificado de maneira que se torna evidente a necessidade de recusá-lo. A suposta objetividade na apresentação da informação vê-se desmentida pelo uso arbitrário da linguagem (SOMÁVIA, J. 1980: p.40-41).

No dia 10/04, pode-se encontrar outro exemplo semelhante. Falando sobre as eleições municipais em Los Angeles, há uma reportagem, transcrita do jornal *New York Times*, com o título **"LATINO COM CHANCES EM LOS ANGELES - Candidato de família mexicana pode ir para o segundo turno"**. É compreensível, apesar de talvez não aprovável, que jornalistas norte-americanos adotem este tipo de categorização étnica para comentar seus personagens públicos, mas nos parece menos compreensível que a imprensa brasileira absorva isso. É como se aqui disséssemos: "Anglo-saxão com chances em São Paulo". Isto não acontece e nem deveria acontecer, acreditamos.

Não só as referências raciais regionais, como também as culturais tendem a dar lugar a seus similares transnacionais. As referências utilizadas nos exemplos que veremos a seguir fazem parte do acervo histórico e cultural dos norte-americanos e não dos brasileiros. Pelo menos não até serem fixadas e tornarem-se referências universais, já que, como afirma Dênis de Moraes:

Os aparatos de divulgação disponibilizam signos sociais que assumem significação mundial. Não apenas marcas de produtos, como também referências culturais afirmam-se perante os consumidores. Tais signos prefiguram uma memória coletiva partilhada por pessoas dispersas nos rincões geográficos. Não mais uma memória enraizada em tradições nacionais, regionais ou locais, mas traçada e reconhecível em estilos de vida universais. (MORAES, D. 1997: p.19-20).

Sendo assim, ao realizar sua marcha até a Cidade do México, os zapatistas “tiveram uma recepção digna de astros do rock”(12/03); o discurso do presidente russo, Vladimir Putin, na televisão é “semelhante ao discurso do Estado da União que os presidentes americanos fazem anualmente” (4/4); e as cenas de conflitos entre protestantes e católicos na Irlanda do Norte “lembraram as de estudantes negros tentando chegar à escola e tendo de enfrentar os segregacionistas do sul dos Estados Unidos na década de 1950” (5/9).

### 5.3. *Solidariedade Unilateral*

Mas talvez o aspecto mais cruel da predominância étnica e geográfica que nós apontamos até agora, seja o que estamos colocando aqui sob o título de ‘solidariedade unilateral’. Vejamos os casos selecionados, para que entendamos o significado desta expressão:

- Entre as edições pesquisadas, há duas reportagens de primeira página da seção “O Mundo”, sobre casos de julgamentos de acusados de terrorismo. A primeira, publicada no dia 20/03, tem o título: “**SEGUNDA CHANCE PARA LORI**”(ver Anexos). “Lori” é uma norte-americana condenada à prisão perpétua, no Peru, por envolvimento

com grupos terroristas que planejavam seqüestrar parlamentares daquele país. A segunda reportagem aparece no dia 01/02, com título: **"LÍBIO É CONDENADO POR ATENTADO"** (ver Anexos). "Líbio" é, na verdade, Abdel Basset, agente do governo líbio condenado à prisão perpétua, na Holanda, por envolvimento com atentado a avião da empresa Pan Am, que ia da Inglaterra para os Estados Unidos. Os casos são parecidos, ambos envolvendo atividades terroristas e contando com fortes evidências da culpa dos réus. Há, entretanto, uma enorme diferença de tratamento dado a ambos.

No caso da norte-americana "Lori", dá-se a entender que o primeiro julgamento não foi justo e seus pais "acreditam que um julgamento justo no Peru ainda é impossível". Tem-se a informação de que são professores universitários e a jovem Lori era ótima aluna, estudava música e antropologia, e era tão pacifista que nem assistia a lutas de boxe pela TV. Seu pai declara: "Lori é vegetariana. Ela nunca caçou ou pescou. E nunca poderia ferir um ser humano". E sua mãe: "Ela sabe que é inocente e no final a verdade será descoberta". Na foto, a figura simpática do pai mostrando um cartão com a foto da filha e a inscrição: "Free Lori Now" (Libertem Lori

Agora). No dia seguinte há ainda uma reportagem com uma foto de Lori com a mão erguida, jurando inocência.

No caso do "Líbio", ou seja, Abdel, não há menção de injustiça em seu julgamento. Ao contrário, há uma declaração dos governos americano e inglês dizendo que "(...)a conclusão do julgamento não basta para que se suspendam as sanções impostas à Líbia". Não há declarações ou informações sobre os familiares, ou sobre a vida do próprio réu, mas declarações de familiares das vítimas norte-americanas. O elemento fotográfico conta com uma foto dos destroços do avião e uma foto do pai de uma das vítimas, emocionado ao ouvir o veredicto.

Então vejamos: no caso "Lori", existem vários elementos que levam o leitor a se identificar com a acusada, enquanto no caso do "Líbio", os mesmos elementos são usados para identificar o leitor às vítimas. Em ambos os casos o leitor é levado a se identificar, a se comover com o drama dos personagens norte-americanos ou ingleses, sejam eles acusados ou vítimas. No caso "Lori", o vilão passa a ser o "injusto" sistema judiciário peruano, enquanto no caso do "Líbio", os vilões são o próprio Abdel e o governo líbio.

Em 1965, Jerome Frank via nos meios de comunicação a solução para a falta de solidariedade humana, e expressava suas expectativas:

A razão pela qual não há sentimentos de solidariedade pela humanidade é que somos incapazes de comunicar-nos completa e intimamente com a humanidade. Uma das grandes e novas esperanças do mundo é que os meios de comunicação coletiva e a aproximação do mundo em termos de transporte, etc., levarão a uma rápida criação de uma rede mundial de comunicações e de mútuas recompensas, da qual penso eu, poderão crescer tais sentimentos por toda a humanidade (SCHILLER, H. 1976: p.133).

Certamente, esperava que trouxessem sentimentos de solidariedade em relação a humanidade como um todo, e não, evidentemente, a algumas parcelas dela. Os casos a seguir, demonstram como a solidariedade pode ser parcial na comunicação internacional atual:

- No dia 13/03, a reportagem de capa da seção tem o título: "Erro trágico no Kuwait". O "erro trágico" foi um acidente num treinamento militar da *Força Aérea dos Estados Unidos*, em que um avião de combate disparou equivocadamente uma bomba matando cinco militares norte-americanos e um neozelandês em terra. A reportagem conta com uma foto do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, com expressão de pesar, uma foto de um avião de combate e uma de soldados baseados no Kuwait. É estranho que um jornal, fora dos Estados Unidos e da Nova Zelândia, considere este acidente um "erro trágico", já que as vítimas são membros de tropas que vinham

promovendo ataques regulares ao território iraquiano, causando, além das "naturais" vítimas militares, muitas vítimas civis. Inclusive, no dia 17/02, reporta-se um bombardeio de aviões norte-americanos ao Iraque que fez algumas vítimas civis naquele país, mas não há, no texto do jornal, nenhuma denotação de tragédia neste caso. Ou seja, fica (involuntariamente, é provável) subentendida a mensagem de que importa a vida dos norte-americanos, mesmo os militares, mais do que a dos civis iraquianos.

Outro caso:

- No início do mês de agosto de 2001, 24 integrantes da organização não governamental alemã *Shelter Now*, que promovia programas de ajuda humanitária no Afeganistão, foram presos sob a acusação de pregar o Cristianismo no país. Entre os presos havia 16 afegãos, 4 alemães 2 norte-americanos e 2 australianos. Passamos a acompanhar o processo de julgamento destas pessoas, que poderiam ser condenadas à morte, a partir do dia 26 daquele mês e percebemos que não havia informações no jornal sobre o destino dado aos afegãos presos. Toda a atenção estava voltada para a situação dos prisioneiros ocidentais. Vejamos apenas os títulos das matérias (todas as referentes ao assunto, durante o período pesquisado) para entendermos a intensidade da situação:

1) "Prisioneiros (ocidentais) recebem visitas" (26/08);  
 2) "Visita a ocidentais presos" (28/08); 3) "Talibã começa a julgar estrangeiros acusados de pregar o cristianismo" (05/09); 4) "Talibã pode levar estrangeiros presos à força" (06/06); 5) "Os talibãs contra os cristãos" (06/08). É certo que a demanda por informações da mídia norte-americana e européia pressiona o fluxo internacional de informações a dar este enfoque à questão. Mas, como dissemos anteriormente, para o leitor brasileiro que desconhece as nuances do mercado jornalístico, isto deve soar como mero descaso com a vida dos afegãos, em contraposição a uma forte preocupação com a vida e o bem-estar de norte-americanos e europeus.

#### 4.3.5. Noticiário Estigmatizado

Alguns autores acreditam que seja inevitável a presença de estereótipos no jornalismo internacional, devido à amplitude de seu campo de abordagem. John C Merrill, trabalhou essa questão em seu texto "Estereótipos Nacionais e Compreensão internacional":

Sem dúvida, muitos cidadãos, de todas as nações, têm imagens ou estereótipos que desejam ou talvez desejariam eliminar se pensassem muito nessas imagens. E essas imagens, certamente, levariam à incompreensão e mesmo ao atrito entre certas pessoas



(ou nações), em algum tempo, em algum lugar e em certas circunstâncias(...) (MERRILL, J. 1970: p.239).

O pensamento, com efeito, é estereotipante e, com certeza, o pensamento da massa o é. Chegamos assim ao impressionante problema de mudar estereótipos *do povo sobre outro povo*: o problema inerente à própria mentalidade da massa.

Tratar de "opinião de massa" é tratar de esteriótipos. Tratar de estereótipos é tratar com generalizações. Tratar com generalizações é tratar das "imagens" que um país poderia ter de outro (Ibidem, p.241).

Merrill coloca, desta forma, a inevitabilidade do processo de estereotipização das idéias que formamos a respeito da comunidade internacional. Não faz estas colocações, entretanto, de maneira a engessar o assunto, pois completa dizendo que

(...)devem aprender[as pessoas] a viver com o conhecimento de que, durante toda a sua vida, haverão de ter imagens distorcidas de um ou de outros países. Este é um fato próprio das sociedades humanas e do próprio processo de comunicação. Em outras palavras: elas devem reconhecer sua própria condição humana e proceder numa base pessoal de modo a abrir a mente a estereótipos sempre mais humanizadores (Ibid., p.242).

Em 1971, o pesquisador Al Hester realizou uma pesquisa com o objetivo de identificar como a agência americana AP distribuía tematicamente o material noticioso que difundia entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Apesar de não usarmos os mesmos critérios de categorização regional e temática utilizados por Al Hester, e da defasagem histórica de seu trabalho em relação aos dias atuais, em linhas gerais seus comentários aplicam-se perfeitamente ao presente estudo. Sobre a distribuição temática do noticiário, comentou:

Poder-se-á observar que as notícias recebidas de nações desenvolvidas foram distribuídas em maior número de categorias, enquanto que as que chegaram de países em via de desenvolvimento foram distribuídas em um número menor.

Poder-se-ia argumentar que o 'universo de eventos' nas nações em via de desenvolvimento é um campo noticioso mais limitado que o correspondente ao das nações desenvolvidas; isto é, que ocorriam acontecimentos de 'menor valor noticioso' nas áreas em vias de desenvolvimento. No entanto, esta afirmação parece desafiar o sentido comum. Vem sugerir firmemente que os 'porteiros' das agências noticiosas possuem certa 'percepção dos eventos' com 'maior valor noticioso', somente se ocorridos em certas partes do mundo mas não em outras (HESTER, A. 1980: p.86).

Detectamos a ocorrência do mesmo fenômeno nas edições estudadas de *O Globo*. Porém, observamos que não se trata, neste caso, de distinções entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, mas sim de países fornecedores do material jornalístico utilizados pelo jornal e países não fornecedores do mesmo. Sendo assim, países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Argentina e Israel (apesar de predominarem, neste caso, temas relacionados à violência) apresentam um noticiário mais variado, contendo informações mais aprofundadas sobre a vida política, social e cultural. Em parte, também a Rússia apresentou um noticiário relativamente variado. Os demais países, normalmente, recebem atenção no noticiário, somente devido a fatos de repercussão imediata, como em casos de violência notável e desastres, mas também em casos de escândalos políticos e mudanças de chefe de Estado. Outros tipos de informações são raríssimos. Mesmo países ricos, como o Japão, vêm prevalecer em seu noticiário matérias sobre desastres aéreos, incêndios, terremotos... Caso

também da Índia, sobre a qual também se destacou um escândalo de corrupção. Portugal recebeu a maior parte de sua atenção devido a um desastre rodoviário e à ameaça de um atentado à bomba. E assim são muitos os exemplos que poderíamos dar.

Isso reforça a idéia de que os poucos correspondentes e enviados especiais mantidos pelo jornal talvez deversem ser melhor distribuídos pelo globo, afim de enriquecer e melhor equilibrar o noticiário. Talvez isto pudesse evitar a completa estigmatização de certos grupos de países, como aconteceu, por exemplo com os países africanos e árabes.

No caso dos países da 'África Negra' observamos que as poucas informações sobre a região tratavam, quase que em sua totalidade, da violência. Além disso, é a única região pesquisada sobre a qual não havia sequer uma nota que tratasse da vida social e cultural de qualquer um de seus países. Os dados fazem coro com José Arbex Jr., quando nos diz que o noticiário sobre o continente resume-se a relatos sobre

(...)tragédias naturais(em particular, as secas) e humanas(guerras e conflitos civis) nos países africanos. Continente marginalizado e de escasso ou nenhum interesse econômico e geopolítico após o fim da *Guerra Fria*, a África tornou-se fornecedora de imagens "exóticas" da miséria (ARBEX, J. 2002: p.122).

Também os países árabes\muçulmanos, encontram nas páginas do jornal um noticiário áspero. Sobre sua experiência jornalística em um grande jornal brasileiro, durante a *Guerra*

do Golfo, Arbex Jr. tece alguns comentários que nos ajudam a entender o tratamento atualmente dispensado pela mídia ocidental, especialmente pelas agências de notícias, à região:

Durante seis meses, entre agosto de 1990 e janeiro de 1991, a mídia despejou sobre o mundo pilhas de filmes, montanhas de fotos e quilômetros de textos onde se via a face humana dos soldados americanos indo para a guerra(despedindo-se da família, da namorada, dos filhos etc.)... À época, como editor de exterior da *Folha de S. Paulo*, eu procurava selecionar fotos de seres humanos do "lado árabe"(!). Em geral, tais fotos não existiam. Os árabes eram apresentados apenas como uma idéia, um conceito ameaçador(...) (Ibidem, p.116-7).

E completa:

Durante a guerra, a mídia americana criou grandes tabelas de perdas, que listavam numa coluna quantos soldados americanos haviam morrido e em outra coluna quantos tanques, blindados e aviões do Iraque haviam sido abatidos. Não se fazia menção a mortes entre os iraquianos... As pesquisas de opinião constataram: uma imensa maioria dos telespectadores apoiou a censura militar da informação... A "opinião pública" não é "inocente". (Ibid., p.119-20).

Vejamos como se distribuiu o noticiário sobre alguns países da região:

Irã - 63,47% do noticiário referente ao país trata da repressão política e cultural, 3,81% fala sobre compra de armamento militar e 32,71% sobre o projeto de reformas políticas posto em prática pelo presidente Mohammad Kathami e apoiado pelos países ocidentais.

Iraque - 96,76% do noticiário sobre o país refere-se ao conflito com os países ocidentais. Os 3,24% restantes consistem em uma nota sobre a explosão

de uma bomba em Bagdá e outra sobre um julgamento de um escândalo de corrupção no governo.

Líbia - 100% do noticiário sobre o país trata de terrorismo.

Argélia - há apenas uma nota que informa sobre uma matança realizada por "rebeldes muçulmanos" no interior do país.

Egito - somente uma nota sobre um seqüestro de 4 turistas alemães na capital.

Turquia - uma nota sobre um ataque terrorista e uma nota sobre um desastre marítimo.

A.Saudita- 62,23% do noticiário trata de terrorismo, 31,23% de um desastre na peregrinação anual a Meca e 6,54% consiste em uma reportagem falando sobre a mesma peregrinação. Esta última, foi a única reportagem referente aos países árabes classificada como notícia de 'Sociedade', mesmo assim, tratava-se de um pequeno *box* dentro de uma grande matéria de título: **"CONFUSÃO EM RITUAL DEIXA 35 MORTOS: Muçulmanos são esmagados por multidão durante peregrinação à Meca"**. Mais abaixo o entretítulo: "Ritual é marcado por tragédias".

Como vemos, é um noticiário baseado em informações sobre atos terroristas, questões militares, desastres e violência

em geral. Hipoteticamente, um leitor que dependesse exclusivamente de *O Globo* para se informar, provavelmente desenvolveria uma série de preconceitos sobre dos países da região.

Quanto à América Latina, podemos retomar a já citada pesquisa de Al Hester sobre os processos de seleção de notícias da agência AP. De acordo com os dados que coletou, somente 13,81% dos itens transmitidos pelos escritórios latino-americanos da AP para a sede em Nova York, estavam relacionados com crime e violência. Mas, 47,66% dos itens referentes ao continente, retransmitidos pela sede da agência para todo o mundo, tratavam destes assuntos (GUARESCHI, P. 1981: p.37).

Parece portanto que, por algum motivo, o material enviado para a sede da agência em Nova York pelos escritórios latino-americanos tendia a ser selecionado de maneira a destacar os atos violentos no continente.

Felizmente, para seus leitores, o noticiário internacional de *O Globo* mostra certo amadurecimento na cobertura jornalística da região. A intensificação das relações econômicas no *Mercosul* incentivou o jornal a manter correspondente na Argentina, o que proporcionou um noticiário mais variado sobre o país.

Também a cobertura da eleição presidencial peruana, que apresentou certo aprofundamento sobre a situação política do país, foi bem razoável (apesar dos deslizes apontados). Mas o restante dos países da região, sobre quais o jornal dependia dos meios de comunicação estrangeiros para obter informações, apresentam em seu noticiário os mesmos sintomas detectados no noticiário sobre outras regiões do mundo: desinteresse e estigma de brutalidade. Sobre o Paraguai, por exemplo, só há duas notas sobre um escândalo relacionado ao presidente do país. Praticamente todo o noticiário referente ao Equador fala sobre uma revolta violenta de indígenas no interior do país, mas há também uma nota que informa da morte de um norte-americano assassinado por guerrilheiros e outra que fala da presença do foragido peruano, Vladimir Montesinos, no país. Sobre o Uruguai, nada. Sobre a Colômbia, 86,9% do noticiário tratam do conflito interno e do Plano Colômbia.

A forma estigmatizada de se apresentar o continente, talvez tenha suas raízes, em parte, na maneira como os jornalistas estrangeiros o representam. É o que indicaram as pesquisas de Al Hester:

Um ex-chefe do escritório latino-americano de uma agência de notícias, confiou o seguinte ao autor:

"As notícias latino-americanas devem satisfazer certas noções preconcebidas dos leitores e editores, antes de que tenham alguma oportunidade de ser utilizadas. Quase sempre usam-se notícias sobre sismos, assim como outros desastres naturais, acidentes, revoluções e golpes de Estado. Por outro lado, estão as histórias de interesse humano do tipo 'urso dançarino' que excitam a imaginação dos leitores."

Um jornalista de outra agência noticiosa disse: "Superenfatiza-se o terrorismo. Mesmo assim, sempre destaco qual o ato terrorista que aconteceu no país e o incluo, se é que tem valor como notícia. Sei que lhe prestarão atenção em Nova York. Além disso, é muito mais fácil que escrever sobre educação ou problemas agrícolas" (HESTER, A. 1980: p.90).

As expectativas do público e dos meios de comunicação dos países europeus e dos Estados Unidos, parecem determinar o conteúdo do material enviado pelas agências. Aquilo que o público destes países deseja "ouvir" e os meios desejam "dizer" sobre determinadas regiões, é diariamente atendido, de maneira a manter funcionando a estrutura do mercado. Mas, não se pode usar as agências de notícias como "bode expiatório" para o problema. Como ressalta o próprio Al Hester,

As agências noticiosas podem dizer sinceramente que tentaram algumas vezes oferecer reportagens contextualizadas sobre antecedentes e situações de fatos relevantes, sem que os meios de comunicação do mundo ocidental houvessem feito grande uso delas (Ibidem, p.92).

O último caso de noticiário estigmatizado que gostaríamos de observar, trata das informações oferecidas a respeito da China. O noticiário sobre este país pode ser dividido em duas partes absolutamente distintas. A primeira, abrangendo todas as 77 primeiras edições pesquisadas e a segunda, abrangendo as 3 últimas. Na primeira parte, todas as informações publicadas pelo jornal sobre o país eram provenientes de fontes internacionais, localizadas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Durante este período o



noticiário sobre a China ficou distribuído da seguinte maneira:

- 59,14% do noticiário estava relacionado ao incidente envolvendo um avião norte-americano no estreito de Taiwan;
- 12,63% estavam relacionados à relação política entre a China e Taiwan;
- 7,59% falavam de desastres;
- o restante estava dividido entre notas que falavam de assuntos militares, protestos contra o regime comunista, maus tratos a ursos, tortura policial, um espancamento e da política externa relativa aos Estados Unidos e à Coréia do Norte.

A única reportagem que destoa neste contexto é a que foi escrita durante e sobre a visita do presidente chinês, Jiang Zenin, ao Brasil. As demais, além de ásperas, parecem estar dirigidas aos temas de interesse do público norte-americano.

Na segunda parte, ocorre uma mudança sensível. No dia 09/09, é publicada uma extensa reportagem de capa da seção, escrita por uma enviada especial do jornal àquele país. É a primeira vez no desenrolar da pesquisa que aparece uma reportagem que discorre sobre o acervo cultural e a vida social na China. No dia seguinte, é publicada outra reportagem que fala sobre o sistema educacional do país. Duas

grandes e bem recheadas reportagens com fotos e um texto “abrasileirado”, isto é, um texto que explica a cultura chinesa a partir de exemplos e comparações que têm como referência o universo cultural brasileiro.

A presença de um jornalista da empresa no local, ofereceu, em duas reportagens, um “enriquecimento humano” que as demais fontes não ofereceram nos outros 77 dias de pesquisa, e talvez jamais viessem a oferecer. Isso reforça nossa idéia de que uma melhor distribuição dos correspondentes pelo mundo pudesse trazer maior enriquecimento e equilíbrio ao noticiário do jornal.

Jornalistas que viveram a experiência de trabalhar como correspondentes ou enviados especiais internacionais, para empresas de comunicação brasileiras, afirmam que é tarefa das mais difíceis trabalhar à sombra do “consenso” (como diz Arbex Jr.) criado pela mídia internacional sobre o que é, e como deve ser tratada uma notícia. Mesmo assim, o trabalho do correspondente nos pareceu vital para a “humanização” do noticiário sobre os países onde atuaram, fazendo, ao menos, um contraponto a este “consenso” e à frieza das notícias produzidas em escala industrial pelas agências de notícias transnacionais.

##### 5.5. *Posicionamento Político-ideológico*

Em seu livro *Quem Manipula Quem?*, Ciro Marcondes Filho faz um ensaio interessante sobre o posicionamento ideológico da telenovela brasileira, em especial as da *Rede Globo*. Ele diz, resumidamente, que:

Tal é o caso da ideologia: não se deve busca-la numa 'análise de conteúdo' que se prenda ao texto, aos 'sentidos políticos' imediatos porque ela estará à vista de todos, mas em outro lugar(...)

É preciso portanto pesquisar a *estrutura ideológica do produto em si*, a forma como joga com os elementos cênicos, interpretativos, com os recursos técnicos e de que maneira os integra à lógica do capital(...) (MARCONDES, C. 1992: p.64-5).

Podemos transferir integralmente esta análise para um veículo jornalístico impresso, como *O Globo*, na seguinte forma: os posicionamentos ideológicos do jornal não estão, necessariamente, explícitos em seu texto, mas sim, impregnados em sua forma, adaptada a seus objetivos comerciais e em sua estrutura de empresa privada que busca o lucro e defende, para a própria sobrevivência, os sistemas políticos e ideológicos que possibilitam sua existência.

Portanto, não se deve esperar que empresas de comunicação que prezam pela imagem de imparcialidade, expressem abertamente posicionamentos político-ideológicos em suas páginas, principalmente fora dos editoriais. Ainda assim, e mesmo que de forma indireta, estes posicionamentos podem ser percebidos, como veremos a seguir. Não quer dizer que sejam, necessariamente, o posicionamento do jornal, mas

sim resultado de todo o processo de seleções e tratamentos que as informações receberam durante seu percurso até o leitor final, incluindo o tratamento dado pelos profissionais de *O Globo*.

No sub-capítulo, "Noticiário estigmatizado", notamos que o noticiário sobre alguns países apresentou certos "vícios", ou estigmas. Que isto era mais evidente em países que apresentam resistência mais forte aos padrões políticos e culturais ocidentais. Vimos que no caso do Irã, por exemplo, o noticiário estruturava-se quase como numa campanha contra o regime islâmico que governa o país, apresentando a seguinte distribuição:

- 63,47% do noticiário informam sobre episódios de repressão política e cultural promovidos pelo governo.
- 32,71% informam sobre os progressos no projeto de reformas políticas colocado em prática pelo presidente Mohammad Khatami, apoiado pelos Estados Unidos e também pela direção do jornal.
- Os 3,81% restantes tratam de um acerto de venda de equipamentos militares da Rússia para o Irã.

No editorial do dia 30 de agosto de 2001, o jornal coloca a reeleição de Khatami como a única boa notícia vinda Oriente Médio, e reafirma seus votos de que venha a conseguir "abrandar o radicalismo do regime islâmico" (pag.6).

Entre as notícias referentes ao país, encontra-se uma publicada no dia 10 de fevereiro, com o título: "**POLÍCIA IRANIANA REPRIME PROTESTO CONTRA REGIME:** *milhares criticam religiosos e pedem liberdade de expressão*". A matéria tem 165,14cm<sup>2</sup> e seu texto começa da seguinte forma: "A capital iraniana foi palco ontem do maior protesto dos últimos anos contra o regime islâmico, violentamente reprimido pela polícia...". Em alguns trechos, aproxima-se do linguajar panfletário, dando ênfase à violência da repressão policial e incluindo declarações de manifestantes do tipo: "liberdade de pensamento para sempre", ou, "o que rejeitamos é o regime islâmico". No final do texto, ficamos informados de que a manifestação contou com a participação de apenas 3 mil pessoas e que foi organizada por exilados iranianos a partir dos Estados Unidos, utilizando "rádios estrangeiras". É provável portanto, que tenham tido o apoio do governo norte-americano, já que, de outra forma, não teriam a permissão de usar as frequências radiofônicas do país para conclamar manifestações públicas em um outro país. Esta foi a única manifestação pública reportada contra o governo iraniano.

Em contrapartida, encontramos no dia 20 de janeiro, uma pequena nota, de 35,1cm<sup>2</sup>, na parte inferior esquerda da segunda página da editoria(ou seja, de acordo com os manuais de diagramação, o espaço menos nobre da seção), com o título:

**"UM MILHÃO DE CUBANOS MARCHAM CONTRA OS EUA"**. A nota diz que uma manifestação liderada pelo presidente do país, Fidel Castro, levou mais de um milhão de cubanos a protestar contra a política de imigração norte-americana, que incentivava a fuga de cubanos para os Estados Unidos. É uma nota enxuta, sem declarações e contando apenas com as informações estritamente essenciais para se tomar conhecimento do fato. Esta foi a única manifestação pública reportada contra a política externa norte-americana, e aconteceu um dia antes da cerimônia de posse do presidente George W. Bush.

O que mais chama a atenção nestes dois casos é o fato de uma manifestação que conta com a participação de mais de 1 milhão de pessoas, seja qual for seu objetivo, receber tão pouca atenção, contando apenas com uma pequena nota num pé de página. Ao mesmo tempo, outra manifestação que contou com meros 3 mil participantes, ocupar um espaço quase 5 vezes maior nas páginas do jornal. Além, é claro, do linguajar empregado nas duas ser bem diferenciado.

Difícil neste caso é identificar se o desequilíbrio estava no material disponível entre as fontes internacionais ou se na seleção feita na redação do jornal. E também, qual seria a relação deste desequilíbrio com uma possível proteção (no caso, feita pelos veículos de comunicação norte-americanos) dos interesses da política externa dos Estados Unidos, já que

a nota que lhe era desfavorável foi reduzida e a favorável, destacada. De qualquer maneira, estes exemplos são previstos por Juan Somavía, quando este descreve as técnicas de distorção que ele teria identificado nos processos de seleção e tratamento de notícias, feito pelas agências transnacionais:

[As agências] realçam a informação tendente a demonstrar que o sistema funciona adequadamente, e minimizam ou qualificam negativamente aquelas que denunciam o estado de coisas vigentes e propugnam a necessidade de mudanças (SOMÁVIA, J. 1980: p.40).

Tendências ideológicas no texto do jornal podem ser encontradas também no tratamento dado ao incidente internacional que instaurou-se quando, no dia 02 de abril, um avião norte-americano de espionagem que sobrevoava o estreito de Taiwan colidiu com um caça chinês que o interceptara, matando seu piloto. O avião norte-americano fez um pouso de emergência na China, ficando o avião e a tripulação detidos pelo governo chinês. Criou-se, então, um impasse diplomático, já que o governo chinês queria que o governo norte-americano se desculpasse pela morte de seu piloto, e o governo norte-americano queria que o governo chinês devolvesse a tripulação e o avião, que estavam em seu território. Nenhum dos dois lados cedia.

Entre as várias reportagens que trataram do assunto podemos encontrar, em textos transcritos de jornais ingleses e norte-americanos, os governantes chineses sendo chamados de "idosos

autocratas"(03/04), mas não há nenhuma espécie de qualificação negativa referindo-se aos governantes norte-americanos. No dia 14 de abril lemos, por exemplo, uma reportagem transcrita do *New York Times*, com o título: **"LIÇÕES SOBRE COMO LIDAR COM UM REGIME AUTORITÁRIO"**, referindo-se ao regime chinês. A primeira lição era: "Quando for negociar com a China leve uma vara grande e um dicionário". E dizia ainda: "Nossa estratégia com a China deve continuar como está: construir pontes para a China onde for possível, por que elas são uma fonte de contenção do regime". O texto está, evidentemente, posicionado contra o regime comunista chinês.

Pode-se encontrar declarações do lado norte-americano, do tipo: "A tripulação tem fé na América e nós temos fé neles"(04/04). Também o elemento fotográfico apresenta "vícios" sutis, mas bastante representativos. Vejamos, por exemplo, que das 12 edições que acompanhamos durante a crise, seis apresentavam fotos de autoridades políticas e diplomáticas norte-americanas, enquanto só uma de autoridade chinesa. Em três, há fotos da tripulação do avião norte-americano detida na China, mas nenhuma foto do piloto chinês morto no acidente. Em quatro, encontram-se fotos de soldados chineses de prontidão, como que preparados para o enfrentamento militar, mas em nenhuma, soldados norte-



americanos na mesma situação. Vemos ainda 3 vezes a bandeira norte-americana e nenhuma vez a chinesa. Enfim, figura-se a representação de uma disputa entre um estado civil e "humanizado"(os EUA) e um militar e "semi-humanizado"(a China).

O outro caso que estudaremos, agora de posicionamento mais político que ideológico do noticiário do jornal, refere-se ao tratamento dado ao premier israelense, Ariel Sharon. Homem de passado obscuro, acusado de crimes de guerra, Sharon tem uma biografia muito parecida com a de alguns recentes inimigos dos países ocidentais, como Saddam Hussein e Slobodan Milosevic, tratados como criminosos pela imprensa ocidental, apesar de ainda não terem sido julgados por um tribunal internacional. Sharon é acusado do mesmo crime dos outros dois líderes citados, "crime de responsabilidade"(ou seja, era a autoridade política responsável por operações em que foram cometidos crimes de guerra, os quais não impediu que acontecessem), mas recebe um tratamento diferenciado da imprensa.

A pergunta é: será que a razão disto é o fato dele ser aliado dos países ocidentais, enquanto os outros são adversários? Em outras palavras: será que crimes cometidos em defesa dos interesses dos países ocidentais são irrelevantes pela imprensa ocidental, enquanto os cometidos contra os

mesmos interesses são duramente condenados? São questões de alta gravidade. Estas suspeitas podem ser reforçadas tivermos em mente a informação de que, durante a *Guerra de Kosovo*,

Enquanto os meios de comunicação de massa davam o mínimo de destaque a documentos oficiais da ONU sobre barbaridades cometidas contra os sérvios, sempre deram grande destaque a alegações, mesmo que não comprovadas, de barbaridades cometidas por sérvios contra croatas e muçulmanos...

O centro da questão é de natureza geopolítica. A Sérvia é aliada tradicional da Rússia, ainda considerada "país rival" pelos Estados Unidos, mesmo após a dissolução da União Soviética (ARBEX, J. 2002: p.128-9).

O fato é que, no dia 9 de fevereiro, o premier israelense chega a ser comparado, na verdade equiparado, por um colunista do *New York Times* reproduzido por *O Globo*, a Churchill e De Gaulle. É elogiado por "revigorar o sionismo" e por ser um "homem de palavra". No dia 14 de março, falando da primeira reunião ministerial de seu mandato, o texto do jornal diz, poeticamente, que "o velho general reuniu sua nova tropa pela primeira vez". E diz que "Sharon conduziu a reunião como um maestro que tem que se virar dos instrumentos à direita para os da esquerda".

No geral, *O Globo* não foi realmente simpático à figura de Sharon, e não poupou informações e alertas sobre seu passado belicoso. Mas, apesar disso, abriu espaço para comentários elogiosos e até "poéticos" a seu respeito, o que não aconteceu, como dissemos, aos outros chefes de Estado acusados dos mesmos crimes que o militar israelense.

### 5.6. *A Busca do Sensacional*

Nos números do levantamento relativos à distribuição temática do noticiário, pudemos constatar que assuntos de caráter mais nitidamente emocional, como os temas ligados às categorias 'Violência', 'Tragédias e dramas', 'Escândalos' e 'Frivolidades', ocuparam um espaço considerável na seção. Somados, chegam a cerca de 40% do espaço impresso da editoria. Também outras categorias com forte apelo emocional como, por exemplo, 'Justiça' e 'Assuntos Militares' (que destaca as rivalidades e os medos internacionais), receberam um espaço considerável. Sobre esta preferência dada atualmente pelos meios de comunicações a temas emocionalmente mais "fortes", ou sensacionais, Pierre Bourdieu diz que:

A busca do sensacional, portanto do sucesso comercial, pode também levar a selecionar variedades que... podem despertar um imenso interesse ao adular as pulsões e as paixões mais elementares (com casos como raptos de crianças e os escândalos capazes de suscitar a indignação popular), ou mesmo formas de mobilização puramente sentimentais e caritativas ou, igualmente passionais, porém agressivas e próximas do linchamento simbólico, com os assassinatos de crianças ou os incidentes associados a grupos estigmatizados (BOURDIEU, P. 1997: P.74).

Entre as páginas das edições pesquisadas, pode-se ficar informado, por exemplo, de que Osama Bin Laden foi a um casamento(11/01), que rebeldes assassinaram fiéis a golpes de facão em igreja nigeriana(11/09), que paparazzis fizeram fotos de Jacques Chirac nu(30/08), que Luciana Gimenez melhorou sua imagem na imprensa inglesa(12/02), que militares

agora podem usar barba na Argentina(12/02), que um ucraniano matou toda sua família nos Estados Unidos(31/08), que romenos pretendem construir a "Draculândia"(22/03), que um tubarão matou uma criança na Flórida(03/09), que uma cobra estrangulou uma menina na Califórnia, que Michael Jackson deu um show depois de 11 anos(09/09), que uma loja de Nova York vende pintinhos coloridos(13/04), etc...; além de todo tipo de informações sobre a vida dos presidentes norte-americanos e da realeza inglesa, sua intimidade, escândalos.... Toda uma gama de eventos que Muniz Sodré e Raquel Paiva categorizariam como "*grotesco chocante*", pois estão voltados "apenas para a provocação superficial de um choque perceptivo, geralmente sensacionalista..." (SODRÉ, M. 2002: p.69).

Mas seria um engano procurar um tratamento sensacional, apenas em temas relacionados a este ou aquele tipo de notícia, classificada nesta ou naquela categoria. Atualmente, o sensacionalismo apossou-se do jornalismo como um todo. Na disputa por um noticiário mais atrativo que o da concorrência, os "jornais sérios", como *O Globo*, são "obrigados" a adotar uma linguagem jornalística mais próxima à dos chamados "jornais sensacionalistas". Sendo assim, o noticiário não só deu grande destaque a temas com apelos emocionais fortes, como também dispensou um certo

"tratamento" a suas matérias, de maneira a torná-las mais atrativas para o público.

Isto se refletiu nos assuntos políticos, por exemplo, no destaque dado pelo jornal "ao aspecto mais anedótico e mais ritualizado da vida política..."(BOURDIEU, P. 1997: P.73). Enfatizou-se fatos como as campanhas eleitorais, declarações presidenciais, encontros de chefes de Estado, escândalos, declarações "bombásticas", "acordos de paz", enfim, seus aspectos mais explícitos e teatralizados. Tratou-se dos processos políticos de forma bastante "personificada", isto é, centrada em certos personagens que, imagina-se, decidam os rumos da política e da vida internacional, através de suas atitudes pessoais. Ofuscando, evidentemente, os fatores realmente determinantes dos rumos mundiais.

O acontecimento político(e, mais amplamente, o social e/ou cultural) adquire as características de um grande show. Ora, uma das conseqüências da prática de apresentar o jornalismo como o "show-jornalismo" é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício (ARBEX, J. 2002: p.32).

Esta tendência em se buscar o que há de mais sensacional entre as notícias eventualmente disponíveis, reflete-se até mesmo na distribuição geográfica do noticiário. Isto porque, os países não fornecedores de material jornalístico para o jornal tendem a ser, ou esquecidos, ou lembrados apenas em seus momentos críticos. Por um lado isto produz a referida estigmatização de certos países mais instáveis política e

socialmente e, por outro, o desinteresse pelos países de maior estabilidade.

É o caso, por exemplo, do Canadá, um dos mais extensos e ricos países do mundo, porém estável e de política externa discreta. Durante os 80 dias em que realizamos a pesquisa, apenas duas notícias foram publicadas sobre o país:

- no dia 7 de abril, o Ministro da Saúde canadense disse que pretendia facilitar o uso da maconha para fins médicos;
- e no dia 30 de agosto, uma mulher entrou nua num tribunal na cidade de Nelson.

E isto foi tudo.

É o caso também da Austrália e da Noruega, que só foram aparecer no noticiário no 67º dia de pesquisa, devido a um incidente causado por um grupo de refugiados afegãos que queria entrar ilegalmente na Austrália, e foram resgatados por um navio norueguês, quando seu barco afundou. Tudo o que se falou sobre os dois países se restringe a fatos relativos à este incidente. Pode-se especular que, não fosse o desastre com o barco dos refugiados, nada se falaria a respeito destes países.

Isto talvez seria um indício de que a direção de *O Globo*, compartilha a idéia de um dos proprietários de um outro grande jornal brasileiro, Otávio Frias Filho, que defende que

Com ênfases diferentes, o registro do deslize é a lógica que constitui a notícia ao longo da tradição e que distingue a notícia da multidão de eventos diários ignorados pela imprensa. Na massa dos acontecimentos visíveis, o jornalismo seleciona aqueles que aparecem marcados pela surpresa, pelo erro, pelo contraste, pelo paradoxo - numa idéia, pelo deslize.(...) [mas] O deslize que sensibiliza o leitor do jornal sensacionalista não é o mesmo que sensibiliza o leitor do jornal "sério" (ARBEX, J. 2002: p.156).

A estas colocações, José Arbex Jr. contrapõe que

(...)a busca do deslize não é uma consequência natural e inevitável do procedimento jornalístico, mas sim um resultado concreto e datado do sistema de sanções imposto pelo mercado(...) Como um jornal pode, ao mesmo tempo, ser uma 'técnica de conhecimento' e cultivar tal relação de sedução com o leitor? Há uma oposição irreduzível entre o jornalismo como técnica de conhecimento - se é que se possa aplicar adequadamente esse conceito ao jornalismo tal como ele é praticado na sociedade capitalista - e como jornalismo do 'deslize' e da sedução(...) (Ibidem: p.157-8).

É uma questão conceitual. Deve, ou não, ser o jornalismo especializado no relato dos acontecimentos surpreendentes, ímpares? Deve dar prioridade aos fatos "instantâneos" que evocam a ruptura, ou aos fatos discretos que delineiam a continuidade? E, até que ponto a opção por uma ou outra alternativa pode estar diretamente relacionada a interesses, não jornalísticos, mas sim, mercadológicos? Enquanto não se chega a um consenso, Bourdieu reclama:

"A ausência de interesse pelas mudanças insensíveis, isto é, por todos processos que, à maneira da deriva dos continentes, permanecem despercebidos e imperceptíveis no instante, e apenas revelam plenamente seus efeitos com o tempo, vem redobrar os efeitos da amnésia estrutural favorecida pela lógica do pensamento no dia-a-dia e pela concorrência que impõe a identificação do importante e do novo(o furo) para condenar os jornalistas, esses jornalistas do cotidiano, a produzir uma representação instantaneísta e descontínuísta do mundo." (BOURDIEU, P. 1997: p.139-140).

## 5.7. Celebridades Políticas

É muito comum no jornalismo atual, o recurso da 'personificação das notícias', ou seja, o acompanhamento dos acontecimentos que se passam com uma certa personagem, como se esta fosse central e determinante no rumo de acontecimentos mais amplos, nos quais a personagem está tão somente inserida. Johan Galtung e Mari Holmboe, oferecem algumas explicações possíveis para este fenômeno:

1. A personificação é o resultado de um *idealismo cultural* segundo o qual o homem é dono de seu próprio destino(...)
2. A personificação é uma consequência da necessidade de *identificação*(...)
3. A personificação é resultado do *fator-frequência*(...) [pois] as 'estruturas' são mais difíceis de fixar no tempo e no espaço.
4. A personificação pode ser vista como uma consequência direta da *concentração elitista*(...) (GALTUNG, J. 1965)

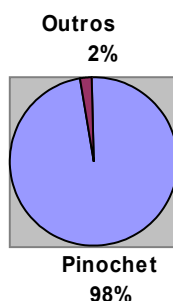
Talvez, seja a 'personificação', na verdade, consequência da soma de todos estes fatores que, certamente, influenciaram o noticiário internacional de *O Globo*. Este apresentou, durante o período de realização da pesquisa, forte tendência à personificar suas notícias. Vejamos o exemplo das informações oferecidas a respeito do Chile. O país ocupou um espaço razoável no noticiário(1,96%), mas só dois assuntos referentes a ele são abordados nas edições pesquisadas:

- uma nota sobre um conflito entre estudantes e policiais, em Santiago , representando 2,2% do total;



- e a cobertura sobre os processos judiciais movidos contra o ex-presidente, Augusto Pinochet, representando 97,8% do total. Este parece ter sido o único assunto de real interesse relacionado ao país, para a "mídia internacional".

### Informações referentes ao Chile



Levantamos, neste caso, duas hipóteses, para explicar o fenômeno: 1) os editores jornal ou das agências fizeram uso, talvez inconscientemente, da figura do ex-ditador chileno para ilustrar os "novos tempos" da América do Sul, a "vitória histórica" da democracia contra o autoritarismo; 2) Pinochet é das poucas, talvez a única personalidade política chilena, que faz parte do "imaginário mundial" e, sendo a única referência conhecida pelas pessoas em todo o mundo (e também no Brasil), é a única que pode ser destacada.

Fenômeno parecido ocorreu no noticiário relativo à Iugoslávia. Neste caso, 66,4% do espaço dedicado ao país foi ocupado por informações referentes à prisão e ao julgamento do ex-presidente Slobodan Milosevic.

Porém, o que se viu, na verdade, não foi um material centrado nas personagens políticas de países sul-americanos ou do leste europeu, mas sim, nas autoridades políticas dos países fornecedores do material noticioso utilizado pelo jornal. Principalmente na figura dos presidentes norte-americanos.

Estes foram, de longe, as figuras mais citadas, fotografadas e discutidas pelo jornal. Com relação ao ex-presidente, Bill Clinton, pode-se, por exemplo, saber que ele foi a uma festa numa boate(06/01), que uma assessora sua dançou *twist* na televisão(22/01), que ele abandonou seu gato de estimação, Socks(11/01), que ele foi convidado a participar do novo filme de "James Bond"(21/01), que seu "assessor espiritual" teve um caso com a secretária(19/01), que Clinton deu uma palestra(02/02), que ele quer comprar um iate(09/03), que foi a uma formatura(11/04), etc...

Sobre o atual presidente, George W. Bush, pode-se encontrar informação sobre seus finais de semana(10/02), sobre os vestidos que sua esposa poderia usar em sua festa de posse(19/01), sua adaptação à vida na Casa Branca(21/01), seu

gato Ernie(07/04), seu cachorro Spot(31/08); além disso, ficar-se-á informado de que ele continuará levando café da manhã para sua esposa na cama(21/01), que sua filha mais velha, Jenna foi vice-representante de turma no colegial e Bárbara, a mais nova, foi “eleita rainha” num concurso de beleza em sua escola(21/01), que seu pai está orgulhoso dele(22/01), que Bush contou piada(06/09), Bush foi à igreja(10/09), Bush está feliz por ter conseguido dançar em sua festa de posse(22/01), Bush...

Na verdade, a cerimônia de posse do novo presidente e a transição de governo receberam uma grande atenção por parte do jornal. Para se ter uma idéia, no dia 20 janeiro(dia da cerimônia), foram citados, nas duas páginas da seção, 50 vezes nomes de presidentes norte-americanos(31 Bush, 18 Clinton e 1 Kennedy). No dia seguinte, este número foi ainda maior, sendo citados 69 vezes nomes de presidentes norte-americanos(37 Clinton, 24 Bush, 3 Kennedy, 2 Ford, 2 Adams e 1 Reagan).

A preocupação é tanta, que no dia 08/02 o jornal chegou a emitir *opinião*(pag.35) sobre a polêmica gerada pelo fato de Clinton ter levado em sua mudança, os presentes que recebeu durante o mandato. Sob o título “**ALMA LEVE, CAMINHÃO TAMBÉM**”, o jornal sugeriu até mesmo uma mudança na legislação norte-

americana, para que se declare "todos os bens duráveis como acervo da Presidência dos Estados Unidos".

Entretanto, o mais marcante é a forma como o noticiário "personificou" a atuação do governo norte-americano na figura de seus presidentes. Raramente (para as proporções do noticiário sobre o país) utilizou-se os termos "governo dos Estados Unidos", ou "governo americano". Sendo estes, substituídos simplesmente por "Clinton", ou "Bush". O tratamento dispensado a estas personagens foi, em nossa opinião (subjetiva, por sinal), a de figuras "paternais"; visível ponto de influência da mídia norte-americana sobre o jornal.

Para ilustrar o fenômeno, podemos citar o caso do incidente internacional causado pela colisão entre o avião chinês e o norte-americano, sobre o Estreito de Taiwan. Durante os 13 dias em que acompanhamos a cobertura do impasse diplomático entre os dois países, o nome do presidente da China, Jiang Zemin, foi citado 24 vezes, e isto, levando-se em conta que ele estava em visita à América do Sul naquele período, inclusive visitando o Brasil no dia 11 de abril. Já o presidente norte-americano, George W. Bush, teve seu nome citado 96 vezes, ou seja, quatro vezes mais que o presidente chinês.

Como consequência, por diversas vezes encontra-se uma situação dicotomizada entre "Bush" x "China": "Após a mensagem de Bush, a China disse(...)"; "A primeira crítica de Bush a Pequim(...)"; "Bush desperta a ira da China(...)"; "Bush pressiona a ONU a aprovar moção de condenação à China(...)". Exemplos estes, retirados de uma só edição, a do dia 3 de abril. No dia seguinte, lê-se uma declaração de Bush, que diz (paternalmente): "Já é hora de nossos rapazes voltarem para casa".

Parece que a convergência da tendência à centralização geográfica, causada principalmente pela concentração das fontes, com a tendência à "personificação" das notícias, levou a uma "superenfatisação" desta figura política. Tudo isso acarreta, evidentemente, distorções à 'representação' dos acontecimentos mundiais, produzida pelo jornal.

#### 5.8. *Um Caso Especial*

Na edição do dia 11/01, detectamos um caso esdrúxulo de seleção e tratamento de notícias, na editoria "O Mundo". Na parte inferior da segunda página(ver Anexos) da seção, podemos encontrar 3 notícias que falam dos seguintes assuntos:

- 1) Gato de estimação dos Clinton's procura um novo lar.

- 2) Protesto contra celebridades do cinema norte-americano, num festival religioso hindu.
- 3) Distribuição de pílulas abortivas em escolas da Inglaterra causa polêmica.

Vejamos então, qual o espaço destinado a cada uma destas 3 matérias:

- 1) Gato dos Clinton : 324,12 cm<sup>2</sup>
- 2) Festival hindu : 183,96 cm<sup>2</sup>
- 3) Pílulas abortivas : 132,86 cm<sup>2</sup>

Vemos que o drama de Socks, o gato órfão, ocupa mais espaço que as duas outras reportagens juntas. Caso típico, em que se consegue

Superdimensionar fatos sem transcendência real. O anedótico, o irrelevante, o considerado "folclórico" nos países do centro, incorporam-se às transmissões com uma característica de acontecimento que nunca tiveram (SOMÁVIA, J. 1980: p.41).

O fato de se distribuírem, sob muitos protestos, pílulas abortivas em escolas de 2º grau da Inglaterra e o festival religioso hindu, pareceram, talvez na pressa do fechamento da edição, menos interessantes, ou atraentes, aos olhos dos editores da seção que o drama do felino. Há de se notar, porém, que a edição deste dia foi um tanto árida, com notícias sobre os julgamentos de Pinochet e de Milosevic, contaminação por urânio nos Balcãs, Plano Colômbia, entre outras. Talvez tenha-se tentado suavizar a edição com uma

notícia mais leve e despreocupada sobre um "primeiro-gato" abandonado. Mas, a que custo?

Na verdade, o custo deste equilíbrio emotivo da seção só pode ser calculado quando se percebe que o "festival hindu", referido, não se trata simplesmente de um festival religioso qualquer, mas sim de o festival hindu, o maior e mais importante: o Maha Kumbh Mela, às margens do Rio Ganges. Este festival acontece a cada onze anos, quando peregrinos e turistas de todas as partes do mundo fazem a submersão nas águas do rio, num ritual de purificação. Este, ocorrido em janeiro de 2001, particularmente, reuniu algo entre 70 e 100 milhões de pessoas (números divergentes apresentados pelas fontes jornalísticas). Consiste, simplesmente, na maior aglomeração humana da História. Às margens do Ganges formou-se uma cidade temporária durante os dias do festival, com 30 milhões de habitantes. Ou seja, a maior cidade de todos os tempos. Fotos de satélites mostram uma "mancha humana" que pode até ser vista a olho nu do espaço.

Entretanto, o jornal parece não ter se interessado muito pelo evento, e seu acompanhamento jornalístico, no mínimo, deficiente. Sobre o festival, que aconteceu entre 12 de janeiro e 21 de fevereiro, encontramos apenas esta nota, entre todas as edições pesquisadas neste período. Vejamos então o tratamento dado a ela:

- A foto: ocupa cerca de dois terços da nota. Flagra um homem que parece um sacerdote hindu tradicional, dentro do rio, derramando a água de um balde.
- O título: "**FESTIVAL HINDU:** *Protestos contra celebridades*"
- O texto/legenda: "Um fiel hindu faz uma oração no Rio Ganges, na Índia, no segundo dia do festival religioso Maha Kumbh Mela, em Allahabad. Dezenas de milhares de pessoas enfrentaram o frio para entrar no rio, cujas águas, segundo a tradição hinduísta, são sagradas. Membros de uma seita hindu protestaram contra as tendas de luxo armadas para estrelas de Hollywood esperadas no festival, como Demi Moore, Sharon Stone e Madonna".

Percebemos então que, além de ocupar quase a metade do espaço de uma notícia sobre o abandono de um gato, de não oferecer informações que contextualizem ou denotem a importância e a grandiosidade do evento, para os hindus e para a humanidade, a nota ainda focou o fato pela perspectiva do espetáculo midiático norte-americano, transformando-o numa espécie de "coluna social" dos atores hollywoodianos.

Pesquisando no site do jornal ([www.oglobo.com.br](http://www.oglobo.com.br)) descobrimos que havia mais uma nota tratando do festival, mas que tampouco nos pareceu satisfatória. Do mesmo tamanho e formato, continha uma grande fotografia de sacerdotes *nagas* correndo nus em direção ao rio e um texto pequeno com alguma



informação numérica sobre o evento. No auge das cerimônias, entre os dias 24 e 25 de janeiro, nenhuma nota encontrada. Por outro lado, descobrimos também mais duas notas falando sobre animais de estimação de presidentes norte-americanos, entre os jornais incluídos em nosso levantamento: no dia 07/04, uma nota sobre o gato dos Bush's e no dia 31/08 uma nota sobre a chegada de George W. Bush na Casa Branca, com seu cachorro.

Consideramos este, um caso infeliz de seleção e tratamento das informações pela redação do jornal. Colocamo-lo à mostra por incorporar boa parte dos aspectos negativos que atribuímos ao material estudado, nas 80 edições de *O Globo*. A centralização geográfica e étnica, o estigma de exotismo, a exaltação da banalidade, o "oficialismo", o "personalismo"; tudo presente em meia página de jornal. Claro que não reflete nossas considerações finais sobre o noticiário internacional do jornal, mas serve para ilustrar como se apresentaria o noticiário do veículo, caso certas tendências constatadas neste trabalho sejam levadas ao extremo.

## 6. ENTREVISTA

Depois de relativamente desenhadas as feições do noticiário internacional do jornal, restou-nos algumas dúvidas pertinentes: quais, dentre as características percebidas no noticiário, são determinadas pela direção de *O Globo*? Quais são determinadas pela atuação dos jornalistas que nele trabalham? Quais são consequência de fatores puramente circunstanciais, tais como a limitação e a qualificação das fontes, a limitação de espaço no jornal...?

Para esclarecer estas e outras dúvidas, procuramos o jornalista Trajano de Moraes, que trabalha em *O Globo* há 15 anos, dos quais 12 na editoria "Internacional". Atualmente, ocupa o cargo de *Editor Adjunto*, ou seja, o segundo na hierarquia da seção. Ele nos concedeu a entrevista que publicamos nas páginas seguintes.

**ENTREV.-** Como é a participação da direção do jornal (dos proprietários) na determinação dos rumos do noticiário internacional? Já houve casos de interferência direta no que seria ou havia sido publicado na seção?

**TRAJANO-** Olha, eu acho que no caso da '*Internacional*', é uma das poucas seções em que isso, quase absolutamente, não se dá. Porque a direção do jornal vai tender a atuar mais diretamente, onde existem mais interesses empresariais correndo naquela área. Por exemplo: na '*Política*', na

*'Economia'... Eu acho que a 'Internacional' tem até esse privilégio, ela fica bastante livre de pressões da direção do jornal. Não existe na 'Internacional', ou é um caso muito raro, a matéria "recomendada"...*

**ENTREV.-** Mas não existem casos em que o jornalista coloca alguma coisa, por exemplo, "pró-comunista". Aí chega o diretor executivo e fala: - Não, isso aqui não pode!...

**TRAJANO-** *Não, porque o jornalista está trabalhando no jornal, ele já conhece a linha do jornal. Ele sabe o que ele deve escrever no jornal e o que não tem cabimento ali. Porque o trabalho dele não é aleatório, é um trabalho monitorado pelos próprios editores, pela direção da redação...*

**ENTREV.-** O Globo é considerado um jornal conservador. Você concorda com isso? Como você vê O Globo?

**TRAJANO-** *Eu acho que O Globo é um jornal conservador, mas é um jornal que vem cuidando muito de se depurar de preconceitos e de conceitos arraigados que tinha, e se transformar num jornal bem mais arejado e bem mais plural. O Globo passou por uma mudança interna de cultura muito grande. Até 10 anos atrás, tinha dentro dele um certo autoritarismo, que vinha da direção da redação.*

**ENTREV.-** Quem é a direção da redação?

**TRAJANO-** *É a pessoa que representa os donos do jornal, na redação. Porque a família, os donos do jornal, não estão lá*

no dia-a-dia, eles estão na organização mais global. O jornal tem uma figura que tem um acesso direto à família e que toca a operação do jornal do ponto de vista jornalístico, mas também consonante com os interesses da família, da empresa. E esta postura um pouco autoritária de certa forma inibia bastante a criatividade das pessoas dentro de O Globo. Mas eles passaram por um período de reestruturação. Eles perceberam que O Globo só poderia crescer, derrotar aqueles preconceitos que as pessoas têm contra o jornal, se eles se livrassem daquela imagem de conservadorismo sempre. Então hoje O Globo tem uma grande preocupação com a pluralidade. Eu acho que ele está num caminho legal, está num bom caminho.

**ENTREV.-** Qual é a fonte de informação mais importante da editoria 'Internacional'?

**TRAJANO-** Eu acho que hoje ela está calcada num tripé: as agências, os serviços dos jornais contratados e os sites noticiosos da internet. Você pode ter uma primeira informação das agências e vai buscar mais informação na internet. Ou vice-versa. E quando você precisa de mais análise, você vai recorrer aos serviços noticiosos dos jornais, que têm seus comentaristas... E a televisão também. A televisão lá[na redação], fica direto na CNN, que tem os 'breaking news' dela... Ah, sim! E os correspondentes, claro! Os correspondentes seriam a quarta perna deste tripé, se é que

*se pode falar assim. Os correspondentes tendem mais para apoio. Basicamente, eles teriam que ver a ótica brasileira daquele assunto.*

**ENTREV.-** *Você está satisfeito com as fontes disponíveis atualmente para a produção do noticiário internacional?*

**TRAJANO-** *Eu diria que sim. Eu acho que o El País [jornal espanhol cujos serviços foram contratados recentemente por O Globo] cobriu uma lacuna bastante grande que a gente tinha. Porque a gente sentia falta de uma visão europeia. Antes do El País, a gente tinha muita visão americana e o Daily Telegraph que, afinal de contas, não tem uma visão muito "europeísta"... Eu acho que o El País deu essa outra dimensão europeia. Então agora melhorou bastante. Eu acho que estão bastante boas para nossas necessidades, nosso espaço.*

**ENTREV.-** *No levantamento estatístico que fizemos sobre a distribuição geográfica do noticiário, constatamos uma preponderância destacada dos Estados Unidos, que tem referências diretas em notícias que ocupam 44% do espaço da editoria, e boa parte das outras notícias trata de assuntos particularmente interessantes ao público norte-americano. Como você avalia estes dados?*

**TRAJANO-** *Bom! Eu acho que isso aí é uma conjugação de fatores. Primeiro, que os Estados Unidos é a única superpotência dominante no planeta. É como se fosse a*

metrópole do planeta. Os Estados Unidos assumiram papel de presença em várias crises mundiais. Então, a tendência é a política externa americana aparecer em todos os locais. Segundo, os Estados Unidos, em relação ao Brasil, são uma referência muito forte. As pessoas viajam muito aos Estados Unidos. Eu acho que o papel da Europa, que também é importante, se transferiu em larga escala para os Estados Unidos. Na área de política internacional, a União Européia ainda é muito complicada para chegar a um consenso para agir. Nós aqui na América Latina somos mais referenciados aos Estados Unidos, pelo menos geograficamente (estamos no mesmo continente). [Mas] Não podemos negar que grande parte das nossas informações qualificadas vêm dos Estados Unidos: do New York times, do Washington Post, do Los Angeles Times, da Associated Press, CNN... Temos aí um vasto manancial de informações que vêm dos Estados Unidos

**ENTREV.-** Você acha que alguns países e regiões possam ter sido marginalizados, como no caso da África Subsaara, da Índia, do Japão, da Rússia, entre outros?

**TRAJANO-** Acho! Isso certamente está acontecendo.

**ENTREV.-** Por que isso estaria acontecendo?

**TRAJANO-** Eu acho que é uma questão de mudar um pouco, de abrir um pouco o nosso pensamento, nós jornalistas da 'Internacional' e jornalistas de um modo geral. A gente tende

a achar a Ásia (Índia, Bangladesh, Paquistão...) coisas remotas, coisas que não nos dizem muito respeito. [Estes países] Têm características muito próprias... E desconfio também que seja um subproduto também da fixação nos Estados Unidos, ou seja, não têm muito interesse americano... Eu nem tinha pensado isso antes não, mas veja bem: não deve haver muito interesse dos Estados Unidos na Índia... imediato eu digo. E aí, a mídia americana não se ocupa muito, e por reflexo, nós também não. Por causa desse problema, de que nossas fontes de informação, de fato, são americanas. Então, você veja: no momento em que houve o interesse dos Estados Unidos pelo Afeganistão e pelo Paquistão, estes países foram para o auge do noticiário... mas a Índia não. É uma coisa remota, que a gente não consegue ver com muito interesse. E tem o caso da África, na qual nós como brasileiros, deveríamos ter um interesse muito grande. Eu acho que o Brasil podia ter um papel de destaque ali, na África. Mas sem falar nisso, é um continente que é um drama só. Fome, doenças, e isso merece muito pouca consideração, muito pouco espaço. Fica quase como o continente do exótico, também. É uma "desgraceira"... então tem que ser uma desgraça tão grande, que vença a inércia dos editores em relação à África. Mas isso [a mudança] não vai acontecer de uma hora para a outra... É um processo gradual, e esses processos acontecem. Eu noto que até a pouco tempo, não havia interesse

*dos jornais do Rio, pela América Latina...*

**ENTREV.-** Por falar em América Latina, ela foi a quarta região mais destacada pelo jornal. Como é que você vê isso?

**TRAJANO-** *Pois é, eu acho que toda a América Latina está acordando para esse processo de ser América Latina. A atitude do Brasil mesmo, ela sempre foi de costas para a América Latina, voltada para a Europa, para os Estados Unidos. O resto é... "cucaracha", como se diz. Hoje em dia, eu acho que isso já mudou bastante. Hoje, O Globo já reage com muita rapidez às crises na América Latina. O New York Times não é nem um pouco ágil em relação à América Latina. O Washington Post, idem. O Los Angeles Times, idem. O Daily Telegraph, um pouco mais. Mas, eu acho que não vai dar para sair desse 4º lugar não... eu espero que não saia, porque é sinal que não tem tanta crise assim.*

**ENTREV.-** Constatamos casos onde o jornal demonstrou sentimentos de solidariedade com dramas vividos por cidadãos europeus e norte-americanos, mas não demonstrou a mesma solidariedade com dramas similares vividos por cidadãos de outras nacionalidades. Como você vê estes fatos?

**TRAJANO-** *Ih, rapaz! Isso é complexo. Cada caso é um caso. Talvez seja um pouco de colonização mesmo nossa, de tender a dar importância a cidadãos americanos e europeus, por uma vontade de identificação com eles. Ou, uma tentativa de*



*aproximar uma notícia, de dar referência ao leitor: por que aquela notícia esta ali, afinal? [Precisa de] Uma referência que nos diga alguma coisa a respeito: são ocidentais, são turistas... Eu não sei te responder muito bem, não... A gente tende a ignorar acidentes que nos pareçam muito remotos. Porque na verdade, a gente tem que ignorar muita coisa. De repente tem um tiroteio no Texas, e me parece legal[para publicar]... Às vezes morre um ou dois só, e de repente tem um acidente de ônibus na Tanzânia que morreram trinta, e não está me dizendo nada. É meio uma colonização cultural eu acho, mas...*

**ENTREV.-** Como é aquela "tabela da UPI" que você estava me falando[antes da entrevista]?

**TRAJANO-** Pois é... a gente sempre brinca no jornal, porque a gente tem sempre esse drama diário. Você recebe das agências: "Morreram 8 americanos no Colorado, numa avalanche de neve", mas "virou um barco no 'Rio Tanzânia'", sei lá, um rio na Tanzânia... E a gente brinca: "Quantos tanzanianos vão ter que morrer para merecer um "colunão" no jornal, como mereceu a morte dos 8 americanos na avalanche de neve no Colorado... Seriam 80, seriam 800... A gente tem essa piada recorrente no jornalismo internacional. Eu acho que não somos só nós[de O Globo] que fazemos isso.

**ENTREV.-** Em geral, os países que não têm nenhuma fonte fornecedora de informações ao jornal (agência, correspondentes...) foram tratados de forma "monotemática", ou seja, só apareciam no noticiário devido às "notícias hard", às "notícias quentes". Isto fez com que muitos países e até regiões inteiras, como no caso da África e dos países árabes, ficassem marcados com o estigma da violência e da tragédia. Estes dados te preocupam?

**TRAJANO-** *Até certo ponto preocupa, sim. Mas a gente, queira ou não, está inserido no ocidente e, na verdade, a gente não vivencia um dia-a-dia similar ao dos países árabes. É uma cultura muito diferente... A gente tem muito pouca coisa em comum com esses países mesmo. Então, a gente tem essa tendência de focalizar esses países, meio por reflexo, de para onde está indo a corrente internacional de notícias. Se esses países entrarem nessa corrente, porque passaram a fazer parte dos interesses ou das preocupações americanas ou européias, a gente acaba indo atrás. Se não, a gente acaba não indo, e eles acabam ficando à margem, ou acontecendo um pouco isso do estereótipo. Também decorre do Brasil não ter uma expressão internacional maior dos seus interesses. Se o Brasil resolvesse ter uma presença econômica na África. Atrás disso poderia vir um noticiário político de temas gerais desse país, atrás do noticiário econômico. Claro que isso não*

*é desculpa. É mais um dado. Mas, a gente fica meio a reboque do que interessa aos Estados Unidos e à Europa.*

**ENTREV.-** No seu entendimento, o noticiário internacional de O Globo tem posicionamentos políticos e ideológicos?

**TRAJANO-** *Eu não vejo muito questionamentos nessa área, não. Não me chega nenhuma orientação específica sobre isso, não... Eu acho que a gente tem muito esse problema no noticiário relativo ao Oriente Médio. Mas, aí também envolve a procedência religiosa, étnica da pessoa... A gente tem procurado aí nesse conflito, equilibrar, porque as fontes de notícias são em grande parte judaicas. Americanas, com muita influência judaica. Mas também existe uma grande simpatia pela causa palestina. Nós, jornalistas da 'Internacional', tendemos a dar mais ênfase ao drama palestino do que às necessidades de segurança de Israel. Mas, nós somos cobrados de ter o máximo de equilíbrio possível. O lobby de Israel é muito forte, muito organizado. Não existe um lobby palestino bem montado. Nunca ligou para a gente. Já do lado de Israel, eles atuam em bloco. Se dependesse de nós [jornalistas], a gente daria melhor o drama palestino. Mas, a gente tem que atender os reclames da objetividade, e tudo mais... Nesse caso, às vezes, há um toque da direção da redação. O cara é pressionado lá, aí vem falar com a gente: "Como é que tá isso, aí?", "Dá o outro lado[da questão]!".*

**ENTREV.-** No caso, em favor dos judeus?

**TRAJANO-** *Geralmente, sim.*

**ENTREV.-** Há, no jornalismo atual, uma preocupação constante em se produzir noticiários sempre convidativos e sedutores para o público. Em que medida você acha que o noticiário internacional de *O Globo* pende, atualmente, para as formas sensacionais do jornalismo, isto é, para o jornalismo voltado mais para as reações emocionais do que racionais do público?... Como as pesquisas de mercado influenciam o trabalho de vocês?

**TRAJANO-** *A gente tem uma pesquisa diária, chamada 'Painel do Leitor', que dá para a gente uma coordenada geral do interesse do leitor. A gente nota que as chamadas da 'Internacional' na 1ª página, sempre despertam muita leitura. Com mais ênfase, quando é um uma coisa meio trágica, um grande acidente, um atentado com morte, do que propriamente uma notícia política. A gente acredita que o produto jornalístico tem que ter notícias de variedades também... comportamento, curiosidades, o inusitado, o engraçado... Tem que ter isso, porque cada página é um balanço entre acidentes, tragédias e uma coisa um pouco menos árida.*

**ENTREV.-** Como é que a expectativa do público influencia o trabalho de vocês?

**TRAJANO-** *Isso é uma pergunta complicada. Eu diria que a gente tem um feedback com essa pesquisa com o leitor, a gente*

recebe e-mails... E aí também, depende um pouco da direção da redação que pode dar para a gente um toque ou outro, do que está interessando as pessoas. Na verdade, a gente não tem tanto um referencial tão direto assim do que o público está esperando, não. Eu acho também, que tem o desempenho global do jornal. O jornal está vendendo bem? Não está? Se não estiver, vai obrigar a repensar onde é que está o problema. Eu acho que o jornal se baseia muito nisso. Como O Globo tem conseguido sucesso, nesse aspecto de se manter com uma vendagem crescente, ele acredita que esteja o fazendo certo. Acha que está certo, porque está dando certo[comercialmente].

**ENTREV.-** No início deste trabalho defende-se a tese de que todo noticiário internacional veiculado na imprensa transmite uma 'imagem de mundo' a seu público. No seu entendimento, qual 'imagem de mundo' o noticiário internacional de O Globo transmite a seus leitores?

**TRAJANO-** Eu acho que, em grande parte, é o que um grande jornal, de uma grande cidade sul-americana, transmite mesmo. Eu acho que essa visão que a gente transmite, em grande parte, é reflexo da fonte do noticiário. Lógico que nós estamos retransmitindo a preocupação da mídia americana e da mídia européia(essa, um pouco menos, ou bem menos) em relação aos acontecimentos no mundo. Nós somos nesse ponto, meio que colonizados. Em relação à América Latina, a gente transmite

*mais as nossas preocupações... Esse é um processo dinâmico em que o Brasil precisa estar procurando ter um olhar mais brasileiro em relação às coisas. Eu acho que a gente poderia, no noticiário internacional de O Globo e dos outros jornais, projetar mais uma visão brasileira, na medida em que o Brasil superasse essas crises e agisse mais de acordo com o tamanho e potencial que ele tem como país no mundo. Deveria ter uma postura internacional mais forte, mais ativa.*

**ENTREV.-** Aquela questão da notícia como 'deslize', como surpresa, como o que sai da normalidade dos fatos, que a gente conversou[antes da entrevista]. Você concorda com a posição do Frias Filho[pág. 79]? Você colocou mais ou menos isso, não é?

**TRAJANO-** É, eu acho que isso aí é a própria característica da notícia. Parece que as coisas quando caminham na normalidade, elas não são notícia, a não ser que seja uma excepcionalidade, um recorde. Mas é exceção, né? É aquela história de que se o cachorro morder a pessoa não é notícia, mas o contrário é. E a notícia tem um pouco disso,... tem muito disso.

## 7. CONCLUSÃO

Em sua maior parte, os dados levantados no decorrer deste trabalho tiveram o intuito de apontar mais para os

"erros", do que para os "acertos", do noticiário internacional de *O Globo*. Isso, falando de um ponto de vista acadêmico, ou ideológico. Do ponto de vista comercial e, portanto, profissional, estes "erros" parecem não ter realmente acontecido. Como frisou Trajano, *O Globo* vem conseguindo uma vendagem maior a cada dia, sendo assim, seus jornalistas acreditam estar fazendo a coisa certa, independente de qualquer questionamento a respeito da qualidade dos serviços que vêm prestando. Nas palavras de Bourdieu: "hoje, o mercado é reconhecido como instância legítima de legitimação" (BOURDIEU, P. 1997: p.37).

Os jornalistas responsáveis pelo noticiário internacional de *O Globo* estão, sem que se dêem conta, sob uma pressão sufocante das exigências comerciais do veículo. Estão fadados a produzir um noticiário para um público que, de uma forma geral, demonstra muito mais interesse pelas "notícias quentes", pela tragédia, pela violência extrema, pela guerra, ou, por outro lado, pelas curiosidades e pelo mexerico. Como nos confidenciou o *Editor-adjunto* da seção, fofocas e informações frívolas sobre os presidentes norte-americanos e sobre a família real inglesa, são "de alto índice de leitura". Às vezes, uma nota sobre um caso amoroso do príncipe é mais comentada no "Painel do Leitor", do que todo o restante do noticiário internacional.

Talvez tenhamos que admitir que as tantas imperfeições encontradas nas páginas do jornal estão, simplesmente, em consonância com as imperfeições e com as expectativas do público consumidor. Já afirmava Lacan que, depois de certo tempo, não existe mais diferença entre um veículo de comunicação e seu público. Mas esta seria uma visão muito simplista e conformista, que condicionaria o amadurecimento do jornalismo, ao amadurecimento do público. Ora, vemos a mídia e o público em atitude de influência recíproca e, portanto, toda iniciativa que eleve os padrões midiáticos, elevará lenta e progressivamente, os padrões do público. Porém, elevar esses padrões pode custar caro e pode não ser justificável, do ponto de vista financeiro. Aí, entra novamente a questão comercial.

O que se percebe, acima de tudo, é que a 'representação de mundo' difundida pelo jornal esteve sempre, na verdade, em plena sintonia com sua razão maior de ser, isto é, os interesses comerciais que justificam sua existência. Sua dinâmica visual e textual, sua temática e suas formas de abordagem, são elaboradas de forma a agradarem ao público consumidor e manterem sua vendagem crescente.

Constatamos que o jornalismo internacional de *O Globo* apresentou imperfeições, sendo muitas vezes parcial ou incompleto, algumas vezes preconceituoso ou tendencioso. Seus



jornalistas, é claro, têm sua maneira particular de "ver" o mundo, o que imprime certas distorções ao noticiário. A má distribuição geográfica das fontes, também.

Mas, essencialmente, seu maior fator de desequilíbrio constituiu-se no simples fato de ser o jornal um manancial de informações "voltado para o dinheiro", em todos os sentidos. É ele sua razão de existir, é ele que determina direta ou indiretamente, o que será publicado, como será publicado, quais serão as fontes, de onde serão as fontes, e tudo o mais. Este fator está presente em todas as instâncias do noticiário: as regiões mais citadas são os centros do capital internacional, as fontes vêm dos centros do capital internacional, os temas são escolhidos de forma a abraçar o capital consumidor, a abordagem das nuances internacionais é feita de maneira a não colocar em cheque o privilégio da autoridade simbólica do capital(ou do mercado) em nossa sociedade.

Enfim, um noticiário internacional que atua sob a égide de um sistema internacional desumano, no sentido de não ter o bem do ser humano como seu objetivo máximo. Limita-se o noticiário do jornal(não só o internacional), a objetivar

prioritariamente, apenas o bem do próprio jornal, enquanto entidade particular e comercial, e não mais que isso.

Tudo, claro, dentro das fronteiras do jornalismo que são, diga-se de passagem, bastante amplas, abrangendo desde o espetáculo mais grosseiro, até as informações mais refinadas. E dentro também do aceitável, ética e moralmente, para seus proprietários e para os profissionais que o produzem. Profissionais estes que estão, como toda nossa sociedade, profundamente impregnados por idéias não muito claras a respeito do que é certo e o que não é, o que é verdadeiro e o que não é, o que é bom e o que não é. E em meio a tantas incertezas, desponta o mercado como única instância perceptível de punição e bonificação profissional, assumindo o papel, ao mesmo tempo, de patrão, estímulo e guia, no exercício da atividade jornalística.

## 9. BIBLIOGRAFIA

- 1) ARBEX Jr., José. *Showrnlismo*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 2002.

- 2) BELTRÁN, Luís Ramiro, CARDONA, Elizabeth Fox de. *Comunicação Dominada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 3) BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- 4) BULIK, Linda. *Doutrinas da Informação no Mundo de Hoje*. Londrina: Ed. Loyola, 1989.
- 5) CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1999.
- 6) ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- 7) FISCHER, Heinz-Dietrich, MERRILL, John C. *Comunicação Internacional*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.
- 8) GALTUNG, Johan, RUGE, Mari H. *A estrutura do noticiário estrangeiro*. In: *Journal of Internacional Peace Research I*. Nova York: 1965.
- 9) GREEN, Reginald. *Comunicações de massas, a nova ordem econômica internacional e o outro desenvolvimento*. In: MATTA, Fernando Reyes. *A Informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.165-94.
- 10) GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e Poder*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- 11) HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê Ed., /s.d./.
- 12) HESTER, Al. *As agências noticiosas ocidentais*. In: MATTA, Fernando Reyes. *A Informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.73-96.
- 13) MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem Manipula Quem?* Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.
- 14) MATTA, Fernando Reyes(org). *A Informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- 15) MATTELART, Armand. *Comunicação Mundo*. Petrópolis: Ed.

Vozes, 1994.

- 16) MERRIL, John C. Estereótipos Nacionais e Compreensão Internacional. In: FISCHER, Heinz-Dietrich, MERRILL, John C. *Comunicação Internacional*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.239-45.
- 17) MORAES, Dênis de(org). *Globalização Mídia e Cultura Contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre Ed., 1997.
- 18) O GLOBO. Rio de Janeiro. n.24.255-63, 24.265, 24.268, 24.272-76, 24.286-91, 24.293-302, 24.319-30, 24.332-35, 24.345-58, 24.850, 24.855-62, 24.864-72.
- 19) ROCHA, Everardo. *A Sociedade do Sonho*. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1995.
- 20) SCHILLER, Herbert. A livre circulação da informação e a dominação mundial. In: MATTA, Fernando Reyes. *A Informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.97-114.
- 21) SCHILLER, Herbert. *O Império Norte-americano das Comunicações*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.
- 22) SODRÉ, Muniz, PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 2002.
- 23) SOMÁVIA, Juan. A estrutura transnacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, Fernando Reyes. *A Informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.31-52.
- 24) UNESCO. Tendências Mundiais das Agências de Notícias. In: FISCHER, Heinz-Dietrich, MERRILL, John C. *Comunicação Internacional*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.81-91.